

EMPRE MAIS ACIMA
EMPRE MAIS ALÉM
!(Littre!)



Ateneúria

Orgão da Academia
Literária Feminina
do Rio Grande do Sul



FUNDADA EM
12-4-1943

TORNE-SE INDEPENDENTE COMPRANDO BILHETES DA

LOTERIA DO ESTADO

E TERÁ AJUDADO A MANTER NOSSAS INSTITUIÇÕES
DE ASSISTÊNCIA SOCIAL.

PRÊMIOS DE

Cr\$ 1.000.000,00

e 2.000.000,00

BANCO NACIONAL DO COMÉRCIO S. A.

Fundado em 1895

Sede: — PÔRTO ALEGRE — Rua Sete de Setembro N.º 1028

FILIAIS URBANAS:

CAMINHO DO MEIO: Av. Osvaldo Aranha, 1404

NAVEGANTES: Rua Frederico Mentz, 1836

PASSO DA AREIA: Av. Brasiliano de Moraes, 860

SÃO JOÃO: Av. Presidente Roosevelt, 1219



DEPÓSITOS POPULARES

Limite NOVO : — Cr\$ 200.000,00

Retiradas **SEM** aviso — Juros 5 % a/a

Horário para os serviços de

DEPÓSITOS e ORDENS DE PAGAMENTO

Manhã :

Tarde :

Das 9 às 11 horas — Das 13 às 18 horas

ATENÉIA

ÓRGÃO DE INTERCÂMBIO CULTURAL E DE DEFESA DOS INTERESSES DA
ACADEMIA LITERÁRIA FEMININA DO RIO GRANDE DO SUL,
registrado sob n.º 247, de 27/5/1952

ANO VII

PÓRTO ALEGRE, JANEIRO-ABRIL DE 1957

N.º 22



Diretora:
JENNY SEABRA DE SOUSA

Diretora-Gerente:
AURORA NUNES WAGNER

*

Intercâmbio Cultural:
No Brasil:
NATERCIA CUNHA VELOSO

No Estrangeiro:
LYDIA MOSCHETTI

Secção Folclórica:
NOEMY VALLE ROCHA

Apreciações de Leitura:
STELLA BRUM e
ALZIRA FREITAS TACQUES

Endereços:
Sede da Academia L. Feminina
Redação e administração de
Atenéia:
Edif. "Princ Salgado" - 3.º and.
Rua Gal. Vitorino n.º 300
Apart. 3-E
C. POSTAL, 2288
PÓRTO ALEGRE
Rio Grande do Sul — Brasil



S U M Á R I O

	Pág.
Editorial	3
In Memoriam	4
À memória de Jenny Seabra de Sousa	5
No Funeral de Jenny Seabra de Sousa	5
Jenny Seabra de Sousa	6
Nossa Senhora das Esperanças	7
Mãe	8
Uma lágrima	8
Morta Adorada	9
Os dez mandamentos para as Mães Cristãs	9
Canto de las Madres	10
Redenção	11a14
Mãe também	14
Bahia, Salvador e suas belezas	15e16
Nossas Praias	17e18
Rosas desfolhadas	18
Presença de Anchieta	19e20
União	20
Na Ribalta	21a24
Página Folclórica	25e26
Vozes da América	27a31
Página de Saudade	32e33
Em verde	34
No Sepas	34
Página Gaúcha	35
Saudade	36
O Sino	36
No sétimo aniversário de Atenéia	37
Amor Candente	38
A noite leva o meu amor	38
Página Lusitana	38
Tiradentes	39e40
A nossa calma	42
Suprema dor	42
Impressão de uma viagem a Califórnia	43
Trovas	44e45
Página das Nações Unidas	45
Dia Pan Americano	46
Fraternidade Universal	47
Publicação da Unesco	48
Fantasia	49
A vida é uma vitrina	49
De Zurich a Milão	50
Penedo	51a53
Meu verso	54e55
Flor do Lodo	56e57
Impressões de Leitura	58
O que eu vi em Portugal	59
Livros Novos	60
Noticiário Acadêmico	61e62
Jenny Seabra de Sousa	63e64
Aurora Nunes Wagner	
Lydia Mombelli da Fonseca	
Déa R. de Figueiredo	
Alzira Freitas Tacques	
Consuelo Belloni	
Stella Brum	
Aurora Nunes Wagner	
Aura Pereira Lemos	
Joie Rodrigues Paes Leme	
Rina Van Velthoven	
Alice Loforte Gonçalves	
Iris Fröes	
Ambrosina M. de Abreu	
Berta Loforte Gonçalves	
Noely Siq. de Sá Brito	
Annette de Castro Mattos	
Lidia Jersak Martins	
Natercia C. Veloso	
Noemy V. Rocha	
Diversos	
Noemy V. Rocha	
Alzira Freitas Tacques	
Celeste Maria Masera, trad. Roman F. Lemes	
Anita R. Gonzales	
Cora T. Maria	
Dulce A. Siqueira	
Annette de Castro Mattos	
Maita de Mendonça	
Jenny Maria Gobbi Ricciardi	
Arminda Gonçalves	
Corina Fröes	
Hellê Veloso Silveira	
Araçy Dantas Gusmão	
Luiza Pacheco Martins	
Neusa Carmen	
Clichê da ONU	
Otilia de O. Chaves	
Raquel Español	
Transcrição	
Faride Germano	
Graciete Salmon	
Aurora Nunes Wagner	
Doralice Oliveira Neves	
Natercia C. Veloso	
Lydia Mombelli da Fonseca	
Stella Brum	
Lola de Oliveira	
Redação	
Redação	

EXPEDIENTE

Todos os trabalhos assinados são de inteira responsabilidade dos próprios autores.

Pedimos aos colaboradores que enviem os artigos dactilografados, na ortografia oficial.

Não se devolverão originais, ainda que não publicados

A. L. F. DO RIO GRANDE DO SUL

Considerada de Utilidade Pública pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Lei n.º 1.040, de 30 de abril de 1953.

DIRETORIA 1956 — 1958

Presidente	—	DRA. NOEMY V. ROCHA
Vice-presidente	—	LYDIA MOSCHETTI
Secretária Geral	—	MARIA ISAURA GAMEIRO
2.ª Secretária	—	YEDA RÖESCH DA SILVA
Tesoureira	—	VIRGINIA MICHIELIN

Diretoras do Intercâmbio:

Nacional	—	NATERCIA C. VELOSO
Estrangeiro	—	LYDIA MOSCHETTI
1.ª Bibliotecária	—	MARIA DE LOURDES W. DE CARVALHO
2.ª Bibliotecária	—	LEDA CAMARGO

ASSINATURAS

Por ano, série de 3 números

Capital:	Cr\$ 65,00
Interior:	Cr\$ 70,00
Estados:	Cr\$ 75,00
Estrangeiro:	Cr\$ 90,00
Número avulso	Cr\$ 25,00

As assinaturas começam e terminam em qualquer tempo.

O pagamento será adiantado, diretamente ou por vale postal para a Caixa do Correio n.º 2288.

PORTO ALEGRE, Rio Grande do Sul.

N. B. — Não aceitamos pedidos pelo Reembolso Postal.

ATENÇÃO: PEDE-SE PERMUTA

EDITORIAL

Recebemos há pouco, um bem elaborado Relatório das atividades do Centro de Letras do Paraná, no biênio 1956-1957.

E' sempre com prazer e muito interêsse que lemos tudo quanto de lá nos vem. Nesse último relatório encontramos uma notícia auspiciosa para aquela Entidade, que veio lembrar coisas passadas e estimulou-nos. O estímulo não é um mero desejo de imitação, mas um incentivo pelas boas causas.

E' o que acontece no caso em foco. Por isso vamos falar um tanto de nós, quando deveríamos somente elogiar os prezados confrades e amigos que tanto têm feito pelas letras pátrias.

A Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul ainda não cumpriu a série de realizações que encetou com a campanha pela publicidade da revista Atenéia e aquisição da sede própria. É longa a série, conforme temos dito pelo nosso órgão acadêmico e só ficará completa com o estabelecimento da "Casa da Mulher Intelectual Rio Grandense" que abrangerá, além de outras instituições, a Editôra da Academia.

Na verdade, ganhamos muito com a compra de nossa modesta sede — um apartamento no centro da cidade, no valor de quase quatrocentos mil cruzeiros. Mas, não quer dizer que estão completos nossos sonhos.

Após um, outro desaponta na vida acadêmica. O mais premente, na atualidade, é uma oficina gráfica para impressão de Atenéia e dos trabalhos das acadêmicas. Quantos livros inéditos. Quantos trabalhos perdidos por falta de recursos! Quanta atividade sem proveito por falta material para a montagem de uma tipografia anexa à sede.

Por isso não podemos deixar passar o louvável gesto do Exmo. Sr. Governador do Estado do Paraná, com a doação de elevada quantia para aquela útil e digna Entidade. Com o que consta dêste editorial não queremos mais que prestar uma homenagem a quem tão bem sabe compreender as necessidades de uma agremiação tal.

Parabéns aos Centristas e parabéns aos paranaenses pela valiosa oferta.

Jenny Seabra de Sousa



IN MEMORIAM

JENNY SEABRA DE SOUSA

Jenny Seabra de Sousa, a dedicada diretora de Atenéia, que durante seis anos consagrou-lhe o melhor de sua inteligência e de seu labor, partiu para o além. Terminou sua carreira. Partiu feliz, partiu com glória, satisfeita consigo mesma, com a tranquilidade de quem cumpre seu dever, deixando um rastro de luz, cuja refulgência jamais se apagará na história das letras femininas do Rio Grande e do Brasil. Seu nome viverá na lembrança de todos que tiveram a ventura de seu convívio amável e persistirá nas obras que escreveu e nas páginas de Atenéia. Sim, Jenny Seabra de Sousa foi dentro da nossa Academia uma firme coluna. Profundamente idealista veio colaborar conosco, dando-nos alento e energias em tôdas as nossas realizações. Ocupou diversos cargos, na diretoria do nosso sodalício, como secretária geral, no biênio 1948-1950, e vice-presidente no período de 1950-1952. Foi uma das fundadoras da revista Atenéia a qual emprestou todo o calor de seu entusiasmo, desde os primórdios de sua organização.

Em 1951, assumiu o cargo de diretora do citado órgão, substituindo a acadêmica Natércia Cunha Veloso que durante o primeiro ano estivera na direção. Jenny Seabra de Sousa continuou a obra de sua predecessora, animada daquêle fogo interior que era um dos traços característicos de sua marcante personalidade. Seus brilhantes editoriais revelaram profundidade de conceitos, equilíbrio de pensamento, desassombro de opinião e grandeza espiritual. Jamais se afastou do lema instituído, tendo sempre em mente a escalada para o alto.

Em todos os movimentos e realizações acadêmicas seu concurso foi dos mais inestimáveis e eficientes. Seu exemplo de retidão de princípios e de nobres virtudes ficará norteando nosso trabalho.

Seus últimos anos de vida foram dedicados à Atenéia, sua filhinha espiritual, à qual sacrificou as melhores horas de repouso e de lazer. Apesar da doença que lhe minava sorrateiramente o organismo, jamais abdicou de suas funções à frente da revista, pois o senso do dever era sua principal preocupação.

Seus últimos pensamentos foram para Atenéia, para a Academia e para suas amigas de lutas e idealismo. Não, querida amiga, tu não morreste, teu espírito de luz irradiava do alto, dando-nos coragem para continuarmos nossa trajetória ascensional pelas letras e pela cultura de nossa Terra.

Recebe nossa última homenagem com a flor simbólica de nossa Academia cujo perfume eterno se evolará para o infinito, onde te encontras, e há de descer como orvalho fecundante, regando a leira dos nossos ideais, para novas e constantes florações.

Leva contigo a saudade de tuas amigas, confradeiras e admiradoras, e de onde estás envia o influxo de teu pensamento imortal!

Adeus!



JENNY SEABRA já não responderá mais o rol de chamada na Academia Literária Feminina; já não encherá de doçura o ambiente das sessões; já não alegrará as companheiras com seu sorriso de bondade; já não contribuirá para a paz e concórdia do grupo com seus conceitos de harmonia e compreensão; mas, quando seu nome fôr chamado, as colegas, em pêso, poderão responder — "presente".



Jenny Seabra foi um elemento de concórdia no seio da Academia. Sabia dizer uma palavra branda quando os ânimos se exaltavam e, com isto, acalmava a ira, cumprindo o dizer das Escrituras: "Uma palavra branda acalma a ira." Ela se nos afigurava como um anjo de paz. Foi por isto talvez que, embora crescesse em anos, nunca perdeu aquêle ar juvenil, nem a faceirice da menina-moça.

Como faz bem aos outros uma criatura assim! Muitos hão de recordá-la de outras maneiras, mas a mim, o que mais bem me fez no convívio com ela foi sentir esta meiguice de seu coração sensível.

Vamos sentir a sua ausência, mas não a perderemos jamais.

A Academia Literária Feminina conta com mais um nome de escôl na sua galeria da saudade.

Êste é o tributo de gratidão de uma companheira de ideal, cuja vida foi enriquecida pela amizade de Jenny Seabra.

OTTILIA DE O. CHAVES

MARÇO, 29, 1957.

À MEMÓRIA DE JENNY SEABRA DE SOUSA

A vida é o que dela houvermos feito. Fizeste, da tua, uma senda luminosa de bondade, trabalho, estudo e ensinamentos.

Felizes de nós, que conhecemos tuas obras, se soubermos seguir a senda que deixaste, preciosa herança legada aos que aqui se encontram e aos que estão por vir.

Lydia Mombelli da Fonseca.

NO FUNERAL DE

JENNY SEABRA DE SOUSA

DÉA R. DE FIGUEIREDO

...E os olhos teus fechaste ternamente...

...E as lentas mãos, cruzaste sobre o peito...

...Tomaste aquela póse indiferente,

Da que tranqüila dorme no seu leito!...

...Mas na sala... o perfume persistente,

Nos falava de MORTE, com respeito...

...Quatro cirios ardendo castamente,

O ataúde indicavam negro e estreito!

Mas porque tal silêncio... tal tristeza,

Se nos fala de VIDA a natureza,

Aos albores da tarde fugidia?

Não morreste, Jenny, deixaste a IDÉIA,

Em as páginas rivas de ATENÉIA,

Propulsora maior da ACADEMIA!

Não morreste, teu nome glorioso,

A Academia há sempre de lembrar!

Pois que deixaste um rastro luminoso,

Ao teu feliz e pródigo passar!

29 de Março de 1957

JENNY SEABRA DE SOUSA

D.^a Jenny morreu. Aquela doce criaturinha, uma de nossas mais indulgentes e bondosas confrades da Academia, aquela que soube honrar o magistério, de que brilhantemente fez parte durante uma existência inteira, nem sempre isenta de percalços e de atribulações.

D.^a Jenny, a "pombinha-rôla", como era por mim chamada, que a fazia sorrir aquêlo sorriso franco, de coração à mostra e de lealdade cem por cento.

D.^a Jenny não vive mais! Seu espírito, porém, sua alma encantadoramente meiga e justiceira, permanecerá indefinidamente junto a nós, debruçada sobre as páginas de Ateneia, que ela tanto amava, a revista para que deu o melhor dos seus esforços, como dedicada Diretora, no afã de torná-la a revista-padrão de todo o Estado.

D.^a Jenny dorme hoje o sono de que a gente não se acorda jamais. E' com os olhos embaciados que traço estas linhas, marejados do pranto que me diz, na sua transparente sinceridade, que perdemos, nós, as companheiras da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, uma grande amiga e uma adorável conselheira, o que é raro em nossos dias, nesta época só de egoísmos, mesquinhez e competições.

Em sua memória, aqui deixo êstes versos em que transborda, na singeleza de cada rima, a minha profunda, imarcessível afeição por aquêlo vultinho amigo que se foi...

* * *

IN MEMORIAM

da grande amiga e confrade Jenny Seabra de Sousa

*Dona Jenny morreu! E, incrível, ainda
lhe escuto a voz tão cariciosa e doce,
rememoro êsse bem que ela nos trouxe
com, — para o nosso meio, — a sua vinda.*

*Dona Jenny morreu! Eis que apagou-se
do seu olhar o brilho. Eis que hoje é finda
a trajetória, de altruísmos linda,
que a si própria, idealista, ela traçou-se.*

*Morreu! Mas em saudade persistente,
a presença evocamos-lhe, sagrada,
e ela, qual dantes, nos sorri contente...*

*Morreu Dona Jenny! Revive, entanto,
a sua figurinha iluminada,
através dos cristais do nosso pranto.*

ALZIRA FREITAS TACQUES

29 de Março de 1957

Hino ao Sol



À excelsa poetisa
RAQUEL ESPAÑOL
oferece a admiradora
e amiga Jenny Seabra.

Os teus raios
ferem os pinheiros
nevados
e se pulverizam
em cintilações
diamantinas.

Os teus raios se espalham
pelas campinas,
se estendem sobre as colinas.

Os teus raios enchem
de luz os caminhos
da vida.

Bendito sejas, oh! Sol
pela luz que nos aponta
os caminhos da vida!

Os teus reflexos
se cristalizam
em nosso olhar
e têm cintilações
sem par.

Bendito sejas, oh! Sol
pela luz de nosso olhar.

O teu calor
faz rebentar
a terra em flor.

O teu calor
dá-nos o fruto
maduro.

Bendito sejas, oh! Sol
pela flor e pelo fruto
que nos dá.

O teu calor é luz,
O teu calor é força,
O teu calor é vida.

Bendito sejas, oh! Sol
pelas tuas dádivas
perfeitas.



DIA DAS MÃES

Nossa Senhora das Esperanças.

A MÃE D'ÉLE:

"MULHER! EIS AÍ O TEU FILHO!"

*Nossa Senhora das Esperanças!
Das mil angústias, dos desgraçados!
Faze milagres! Transforma em flores
Todo o chorar dos desamparados,
Tôda a maldade dos pecadores.*

*Nossa Senhora das Esperanças!
— Glorificada entre os fieis pastores,
Faze milagres! Transforma em risos
As amarguras, o pranto, as dores,
Muda os infernos em paraísos!*

*Nossa Senhora das Esperanças!
Mãe sôbre as mães, tôda ternura,
Faze milagres! Transforma a vida
Espalha rosas em vez da agrura —
Mãe muito amada, muito querida!*

*Nossa Senhora das Esperanças!
Toma-me ao colo, faz-me ninar,
No teu regaço quero esquecer,
Troco o acordado pelo sonhar,
Que o próprio manto vais me estender.*

*Nossa Senhora das Esperanças!
Pela tua graça, assim protegida
Por esta vida quero passar
E nos embates, em tôda a lida
Farás milagres! Terei bonanças
Nas tempestades que eu encontrar!*

Rio — 23-2-57

CONSUELO BELLONI

M ã e

STELLA BRUM

*Relicário sublime de bondade
o coração de mãe que nos adora,
que sorri, si sorrimos e que chora
si acaso uma tristeza nos invade.*

*Afeto que possuía suavidade
das artes reunidas, tão sonora
é a linguagem do amor que nos enflora
a alma, embora prenhe de maldades...*

*Mesmo que habite aonde medre a ruína,
Do rício enrolto nas cruciantes vagas
que as virtudes humanas assassina.*

*Inda ao lôdo do mundo misturada
— Enquanto carinhosa o filho afaga —
E', pelo nome de "Mãe", purificada!*

(Do livro "Papoulas")

UMA LÁGRIMA

AURORA NUNES WAGNER

(Do Livro: "Prelúdios")

*Uma lágrima treme e se ilumina!...
O' puríssima lágrima irisada,
O' translúcida gota diamantina,
De teu peito afluindo acrisolada!*

*Mais fúlgida que a pérola mais fina,
Mais radiosa que a estrêla da alvorada,
Essa lágrima esplêndida e divina
Que em teus olhos eu vi maravilhada!*

*Orvalho celestial que da alma desce,
Num suspiro de mágoa ou numa prece,
Tem halo de grandeza e santidade!*

*Dum filho relembrando a mãe querida,
Numa unção de ternura comorida...
O' lágrima de amor e de saudade!*



MORTA ADORADA...

*"E dormes fria num sepulcro estreito,
Funéreo leito, sem poder me ouvir!"*



*O' minha mãe, si eu pudesse
Trazer-te outra vez á vida,
Si eu pudesse, ó mãe querida,
Ter-te sempre junto a mim,
O' que alegria sem fim!
Quão lindo seria o mundo,
Quão bela a vida seria,
Si eu te visse noite e dia,
Sempre... sempre, sem ter fim,
O' ventura pra mim !*

AURA PEREIRA LEMOS
(DO livro: "Catedral do Sonho")

OS DEZ MANDAMENTOS PARA AS MÃES CRISTÃS

- 1) Lembra-te que: "A mulher que teme a Jehovah, essa será louvada." Pr. 31:30; "Porque o seu valor muito excede o dos corais." Prov. 31:10.
- 2) Sê boa mãe e não te esqueças, mãe, que és a responsável na formação do caráter de teus filhos.
- 3) Ama a teu marido e a teus filhos, não esquecendo, porém, de amar a teu Deus em primeiro lugar.
- 4) Sê como a árvore do sândalo que perfuma até o machado que a corta.
- 5) Lembra-te sempre que és tu que deves providenciar para que teus filhos tenham bons companheiros, porque disso depende a aquisição de bons costumes.
- 6) Proclama teu Deus o Guia dos teus filhos para que eles, bem guiados, alcancem o Reino dos Céus.
- 7) Enaltece sempre as figuras dos grandes apóstolos, porque os exemplos falam muito alto na vida da criança.
- 8) Procura suavisar a vida do teu lar aparando as arestas mais fortes dos contratempos para que teu marido e teus filhos bendigam a tua companhia e os teus desvelos.
- 9) Sê resignada e discreta para que teus filhos aprendam a sofrer sem lastimar os designios do Altíssimo.
- 10) Eleva diariamente as tuas preces a Deus para que teus filhos sigam o conselho do Psalmista: "Filho meu, ouve a instrução de teu pai e não deixes a doutrina de tua mãe." Prov. 1:8.

Yole Rodrigues Paes Leme
Passos, 1952.

Canto de las Madres

*Madre! madre, el amor de los amores
perpetuando con flores de su vida
la obra del Creador. Mujer bendita
ante ti ciclo y tierra se arrodillan!*

*Madre, es más bello, el inmortal poema
capullo virginal trocado en rosa
plena de sol, colores y perfume,
enorme corazón, llama y aurora.*

*Que tu nombre perfume mis canciones,
en mis labios sea miel, laurel y estrella;
acolchaste mi cuna con tus nardos,
arrullaste mi sueño de inocencia.*

*Tu me enseñaste a ver a Dios, el Padre
Celestial en la aurora de mi vida,
y sirviendo con amor mis manecitas
me enseñaste a decir: Ave Maria.*

*Hoy quisiera ofrecerte como un simbolo
con todas las ternuras de los hijos,
una corona que inmortal fulgure
un inciensario de perfume místico.*

*Madre, soplo de Dios sobre la tierra,
madre — sonrisa de la luz en gracia
toma en tus manos mi filial ofrenda,
vaya hacia ti como paloma blanca.*

RINA VAN VELTHOVEN
(ARGENTINA)

BANCO DE CRÉDITO REAL DO RIO GRANDE DO SUL S. A.

FUNDADO EM 1933 — CARTA PATENTE N.º 3.829 DE 17-5-1955

OPERAÇÕES BANCÁRIAS EM GERAL

Depósitos em Contas Correntes — Descontos e Cobranças de
Duplicatas sobre todas as Praças do País.

ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS

Carteira Especializada para Compra e venda de imóveis.

★

SEDE PRÓPRIA: Rua 7 de setembro, n.º 1095
Caixa Postal: 200 Telegramas: "GARANTIA"
PORTO ALEGRE — R. G. DO SUL

R E D E N Ç Ã O .

I

Madleine ergueu os olhos do desenho que estivera fazendo, e encarou firmemente a jovem que estava à sua frente...

Sorriu... com íntimo prazer, saboreou aquêle instante em que poderia fazer valer a sua autoridade, em que um ser mais fraco erguia os olhos suplicantes para ela... era agradável dispor assim da vida dos outros, poder com uma única palavra decidir o destino de uma criatura...

Percorreu com o olhar o porte jovem da outra — Dezoito anos, talvez... Seu rosto quase infantil, seu corpo desabrochado em primavera, mas já deformado por algo que a fazia mais madura... mais mulher... não, não havia dúvida, a garota estava grávida. A êsse pensamento sentiu-se repugnada, com desejo que a desagradável entrevista terminasse logo, que aquela garota que considerava um verdadeira atentado a seus princípios rígidos, se afastasse da sala de uma vez...

Ergueu a cabeça orgulhosamente, e sua voz era fria e autoritária ao se dirigir à outra:

— Mandej chamá-la, Liana, para lhe dizer que fui informada de sua imperdoável conduta. Até ao fim do mês deve procurar outro emprêgo. No posso, de maneira alguma, admitir uma mulher no seu estado, no meu atelier.

A jovem empalideceu de repente, e seus olhos cresceram de espanto. Num movimento instintivo, levou as mãos ao ventre como a querer protegê-lo contra o olhar frio de Madleine.

— Mas, Senhora — suplicou — tenha piedade... todos me abandonaram... como vou viver desta maneira, e sem ter como ganhar o meu pão?... Deixe-me ficar no atelier de costura ao menos até que a criança nasça... depois irei embora.

Madleine encarou-a com indiferença, e estendendo a mão para um maço de cigarros a seu alcance, sôbre a escrivaninha, acendeu um, e apontando a porta com o fósforo apagado, disse para a empregada:

— Devia ter pensado nisso antes, não agora!... Pode-se retirar. Já lhe disse o que tinha a dizer!

A jovem curvou a cabeça e encaminhou-se para a porta indecisa... mas no limiar, voltou-se, soltando um grito de revolta:

— Malvada!... eu vou embora, sim!... mesmo não queria ficar mais aqui!... já me tinham avisado, mas eu não acreditava!... Fique com seu atelier e os seus milhões... a senhora não tem mesmo coração... nunca amou nem conheceu a verdadeira felicidade! Fique com seu paraíso de solteirona, e o seu dinheiro, todo o seu dinheiro, que não vale mais do que o meu filho!...

E saiu a correr, em lágrimas, apavorada com a sua própria ousadia.

Madleine não fez um gesto. Sua fronte lisa não mudou de expressão, seus dedos não tremeram. Sorriu apenas com uma breve ironia...

Felicidade... que entendia essa pequena tola de felicidade?... Pois se ela não possuía tudo aquilo que faz a vida bela e agradável?... Independência... dinheiro... posição social?...

Vinha agora aquela costureirinha lhe dizer que ela não era feliz...

Levantou-se, e pôs-se a caminhar a esmo pelo gabinete...

Tudo perfeito... tudo claro e moderno... desde a escrivaninha de laca, até aos vasos de plantas exóticas, nas janelas... pela porta envidraçada lançou um olhar ao atelier de costura, onde uma centena de mulheres trabalhavam sob as suas ordens... Tudo, tudo isso ela conseguira com seu esforço e sua luta... Quando outras mulheres de sua idade, se ocultavam na mediocridade de um lar modesto, ela fizera um nome que se destacava, tinha construído uma indústria da qual era o alicerce... Por quantos anos tivera de agradar, de sorrir falsamente para aquelas mulheres sem cultura, verdadeiros abismos de futilidade, snobs, ricas, que vestiam suas mais incriveis extravagâncias, só porque tinham saído do atelier de Mlle. Madleine, a grande desenhista de figurinos que toda a sociedade consagrava...

Aprendera a ser forte e a nunca se deixar dominar por sentimentos humanos... A ferir, antes que os outros a ferissem...

E agora, junto aos primeiros cabelos brancos, recebia a recompensa de todo o seu esforço — — — a ambicionada glória, a posição, a fortuna...

E um coração vazio... Tão vazio... nenhuma amiga... ninguém que lhe dissesse uma palavra de compreensão... de carinho...

Na escalada, fôra deixando para trás todos aqueles que lhe poderiam ofertar algo de si mesmos...

Sentiu-se abandonada... sôzinha com a sua glória tão vazia... Apenas a solidão e o silêncio... para sempre — — para sempre...

Vacilante, nas pequenas pernas, um garotinho vinha correndo pela rua... tropeçou, e confiantemente, apoiou-se aos joelhos de Madleine...

Ela estendeu-lhe a mão, sem se importar que as mãozinhas sujas lhe manchassem o alvíssimo vestido...

Instintivamente acariciou os cabelinhos dourados do menino...

Nesse momento uma voz íntima gritou em si... Mas... nem tudo está perdido, pensou... ainda havia crianças que estendiam as mãozinhas confiantes, e criaturas humanas que precisavam de amparo e carinho...

Já que ela destruira tôdas as suas possibilidades de ser feliz, talvez ao menos pudesse tentar fazer felizes outras criaturas... espalhar em torno de si um pouco de ventura...

Em passos rápidos, dirigiu-se de volta ao atelier...

Sua resolução lhe dava asas...

Ao tomar o elevador, notou pela primeira vez que o garotinho do ascensor, o moreno italianinho, tinha doces olhos côm de mel... passou-lhe os dedos pelo rostinho redondo...

O garoto levantou a face iluminada por um sorriso de ventura... e quando lhe abriu a porta, curvou-se em uma reverência, e ofereceu-lhe uma rosa que trazia nas mãos...

Ela aceitou a flor e entrou no atelier sorrindo...

Cumprimentou a todos, e teve uma palavra agradável para cada um...

Ao passar pela mesa de Liana, pousou-lhe a mão no ombro e disse:

— Venha a meu gabinete — preciso falar-lhe.

A jovem a seguiu trêmula, receosa daquela mulher estranha que lhe sorria com humanidade... daquela mulher que trazia uma rosa prêsa entre os dedos e o vestido manchado de lama por mãos infantis...

Ao entrarem, Madleine se voltou para ela, e indicando-lhe uma cadeira:

— Sente-se, Liana, não é bom para você, permanecer tanto tempo de pé, nesse estado!

A jovem sentou-se admirada...

Tinha medo de uma nova admoestação...

Mas o olhar de Madleine estava tão diferente... tão humano...

— Liana, disse, acendendo um cigarro — você sempre foi uma boa auxiliar, e por isso resolvi reconsiderar a minha decisão... ficará a meu serviço, e agora deve tirar umas férias, até ao nascimento da criança. Depois voltará, e talvez, com o tempo, eu a promova a minha primeira auxiliar...

A jovem, embaraçada, não sabia o que fazer... torcia as mãos, feliz e querendo agradecer, mas a voz faltava...

— Ah, senhora... muito... muito obrigada... —

E cedendo a um irresistível impulso, tomou-lhe a mão que cobriu de beijos e de lágrimas.

Madleine retirou suavemente a mão, e a moça baixou a cabeça embaraçada:

— Desculpe-me, senhora... é que eu fiquei tão feliz...

Madleine lhe passou a mão pelos cabelos, carinhosamente, dizendo:

— Não tenho de que a desculpar, minha filha... vá agora para o seu trabalho, e encaminhe o seu pedido de licença.

Quantas vezes, à noite, quando se refugiava em seu luxuoso apartamento, cansada de sorrir e mentir, como tinha pena dessas criaturas que passavam a vida inteira apenas com o objetivo de fazer inveja umas as outras... Criaturas para quem um vestido era a coisa mais importante do mundo, principalmente se era bem decotado, bem original, e fazia sofrer muitas mulheres também fúteis e vaidosas...

E assim, explorando a mediocridade das criaturas do "grand-monde", Madleine conseguira uma fortuna, e um nome, respeitáveis...

Mas agora, de repente, as palavras impensadas de uma adolescente, tinham feito o seu mundo estremecer até à base... que sabia ela do amor?... esquecera...

Sentiu-se de repente muito cansada, muito sozinha... o gabinete lhe parecia hostil e frio... como que lhe faltava algo que ela mesma não podia definir bem...

Felicidade... há quanto tempo não se lembrava dessa palavra... há quanto tempo a sua alma se tornara fria e calculista, seu coração apenas um bloco de gelo...

Precisava sair... o atelier a sufocava... vestiu o casaco distraída, e saiu para a rua em seu passo de elegante, sem cumprimentar ninguém...

Ao chegar ao centro da cidade, tudo lhe pareceu movimentado demais, sujo e escuro. Uma necessidade de sol e céu azul a assaltou, e encaminhou-se para os arrabaldes da cidade...

Há quanto tempo não andava a pé, assim, sem rumo, pelos subúrbios quietos!...

Anoitecia, e a cidade era coberta de sombras esverdeadas... Passou por uma alameda de cinamomos, e só então notou que era outono, uma tarde dourada de outono, e o chão se juncara de folhas secas... tomou uma do chão, e a acariciou entre os dedos... passou-a nos lábios...

Lentamente seus olhos adquiriram uma expressão pensativa e sonhadora...

Aquela tarde de outono lhe recordava vagamente alguma coisa que ficara enterrada no passado distante, num passado que não queria recordar...

Reagiu, e erguendo a cabeça em seu gesto habitual de desafio, seguiu o seu caminho em passos rápidos... esmagou entre os dedos a folha seca, como se assim pudesse esmagar algo de si mesma.

Procurou pensar em coisas relacionadas com a sua vida de todos os dias... os novos desenhos... e desfile próximo...

Mas esses pensamentos a levaram ao atelier e viu novamente a costureirinha tímida e pobre, a costureirinha de olhos brilhantes, como sabendo possuir em si mesma o maior dos tesouros...

E novamente o pensamento voltou ao passado e ela não quis mais interromper as idéias humultosas que turbilhonavam em seu cérebro...

Não evitou mais que o seu pensamento vagasse, voltasse ao passado... A um passado em que havia lindas tardes de outono, de chão juncado de folhas secas e de céu azul...

Lembrou-se de uma menina de doces olhos castanhos e brilhantes como os da costureirinha do atelier...

Essa menina não era Mlle. Madleine, e sim a pequena Madalena, que não desafiava a vida e sim a aceitava, como um lindo presente...

Passou por uma pracinha quieta, onde casazinhos de namorados se aconchegavam nos bancos para ver o pôr do sol...

E pensou noutro casazinho que também procurava a solidão dos bancos da pracinha nas tardes quietas do passado...

Felicidade... sorriu amargamente...

A sua felicidade ficara esquecida junto a seus sonhos de moça, num banco de pracinha de um arrabalde distante...

A ambição a cegara, e ela deixara para trás os sonhos de amor e de ventura. Uma vez alguém lhe havia oferecido uma oportunidade de subir... e ela subira... Sem compreender que deixara, esmagado nos degraus da escada da glória, o próprio coração...

E a vida a havia envolvido em seu turbilhão de lama...

A jovem encaminhou-se para a porta, e quando estava em meio do caminho, a voz de Madleine a fez parar:

— E... quando o garoto nascer, não esqueça de me avisar, sim?

Liana assentiu com a cabeça e sorriu.

— Sim... eu aviso, sim... oh!... a senhora é tão boa!

E saiu da sala.

Madleine ficou acompanhando sua silhueta deformada que se afastava pelo corredor e sentiu em si algo tão doce... tão bom... como se o gelo em que se envolvera, se derretesse enfim, e ela se tornasse novamente humana...

Humana para a alegria, e o sofrimento, para todo o sofrimento, mas enfim, novamente mulher...

E foi nesse momento que Madleine, a mulher fria e insensível, que jamais tivera coração, se sentiu velha, triste e sôzinha...

E tombando a cabeça sobre os braços cruzados, começou a chorar...

Alice Schultz Loforte Gonçalves

MÃE TAMBÉM

*Todos cantam a Mãe honesta
que junto ao berço do filho
seguiu do caminho o trilho
com amor e devoção.*

*Outra Mãe existe ainda:
é a Mãe abandonada
que do filho separada
não encontrou proteção.*

*Seu filho, a criança linda,
foi-lhe arrancada dos braços
e o coração aos pedaços
clama aos Céus em aflição!*

*Mas fica a pobre sôzinha.
Olha o berço — está vazio.
E à noite — estará com frio?
Terá medo do papão?*

*E a vida corre, infeliz...
e o filho garoto, cresce...
De sua Mãe êle esquece
e nem lhe tem afeição!*

*Essa mulher — Mãe também,
não deve ser esquecida;
rindo à margem da vida
deu ao filho o coração.*

*Curvemos nossa cabeças
ao passar a desgraçada
que pelo mundo apontada
não encontrou compairão.*

*Beijo-te a mão — ó mulher,
pelo muito que sofreste,
pelo amor que tu soubeste
sufocar no coração.*

BAHIA, SALVADOR E SUAS BELEZAS.

No Nordeste do Brasil, a Bahia está encrustada qual preciosa pérola. Seculares tradições, belezas naturais e deslumbrantes igrejas, tornaram-na um Estado de encantamento e poesia.

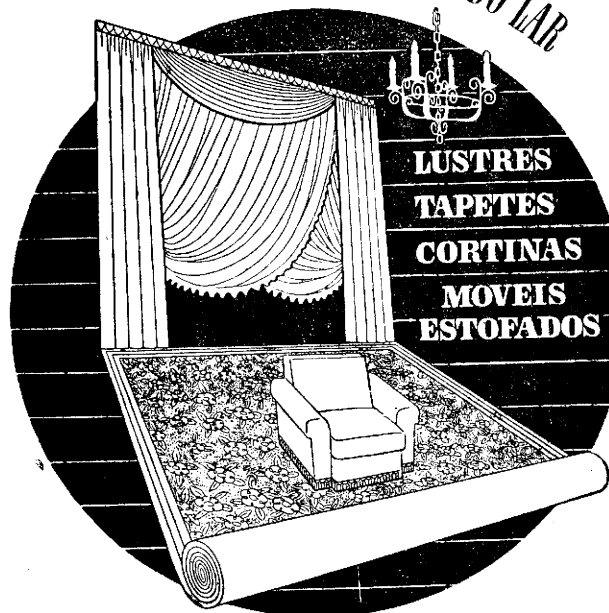
Salvador, sua capital, que foi sede do Governo Geral do Brasil Império, é hoje uma das mais importantes e pitorescas cidades do nosso país. Salvador conquista e extasia. A cidade antiga à cidade nova ligada por dois elevadores tem aspecto singular e suas riquíssimas igrejas têm o poder do deslumbramento. Os costumes e tradições da Bahia são para nós gaúchos tão surpreendentes quanto nos são excêntricas as gostosas iguarias do falado tabuleiro bahiano.

A costa bahiana, a mais extensa do Brasil e as suas praias engalanadas, com lindos coqueiros, são belas e históricas. Por exemplo, na praia de Barra, estão a lembrar fatos históricos do passado, os fortes de Santa Maria e São Diogo, entre estes há um marco que diz da chegada de Tomé de Souza, 1.^o Governador Geral do Brasil, naquele local. Tranquilo, no vasto litoral bahiano, hoje o Forte de Monte Serrat, talvez relembre a 1.^a invasão holandesa, no ano de 1624, embalado pela voz do mar e pela música dos ventos nos leques dos coqueiros. Inúmeros escritores, cantores e poetas decantaram esplendorosamente as belezas naturais da Bahia e suas deslumbrantes igrejas. — Lembro uma canção de Dorival Caymi, cantor bahiano que diz das 365 igrejas antigas de Salvador, tôdas artísticas e belas. Deixa ao turista, porém, especiais recordações a Igreja de São Francisco que é belíssima, a Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim, tão querida e popular entre os bahianos e a Catedral Basílica do Salvador, que impressiona por ser um espetacular monumento de arte sacra. Nesta esplendorosa Catedral é cura há mais de vinte anos e bondoso e dinâmico cônego Odilon Moreira, que se dedica de corpo e alma à conservação e melhoramento deste colosso que é um dos templos mais belos do Continente Americano. Construído pelos Padres Jesuítas e pelo 3.^o Governador Geral do Brasil, Mem de Sá, cuja sepultura marca a data de seu falecimento no ano de 1572. Incansável o cura Odilon zela pela grandiosa Catedral, construída interna e externamente de mármore ou cantaria de Lisboa, tendo o Altar-Mór bem como toda a cobertura da igreja revestidos de ouro e de reliquias históricas de imenso valor artístico. A sacristia desta Catedral é considerada pelos historiadores antigos e modernos nacionais e estrangeiros como uma das mais preciosas do mundo, três altares de mármore multicôres a adornam, possui também duas grandes cômodas de jacarandá com incrustações de marfim e tartaruga das Índias Orientais, com dezesseis quadros em lâminas de cobre retratando a vida de Nossa Senhora desde Seu nascimento até a coroação no Céu, pela Santíssima Trindade. No alto das cômodas dezoito belíssimos quadros de grandes proporções representam acontecimentos bíblicos do Antigo Testamento, desde a expulsão de Adão e Eva do paraíso, à salvação da cidade de Betúlia, por Judith. Toda a abertura da sacristia é abrangida por vinte e um quadros retratando o fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola e os demais santos mártires que sacrificaram a vida pela Fé e amor a Jesus Cristo. Em Maio de 1935, o cônego Odilon iniciou a organização de um museu de arte sacra, nesta Catedral que foi o primeiro no Brasil, escolhendo para local o apropriado e magnífico salão, onde funcionara a antiga biblioteca dos Padres Jesuítas e que tem um teto belíssimo, representando a imagem da sabedoria em seu trono. O referido cura da Sé, vem portanto a 22 anos reunindo tudo que pertencera a Igreja da Sé, que foi demolida em 1933. Hoje centenas de peças da arte antiga compõem o museu de arte sacra, destacando-se um altar e sacrário de ouro e prata, oferta dos bandeirantes bahianos a Sé Primarcia do Brasil, uma imagem revestida de prata diante da qual o Padre Antonio Vieira sentiu o estalo revelador da inteligência,

quando orava à Nossa Senhora, que é chamada de Nossa Senhora das Maravilhas. Um oratório portátil onde celebravam os primeiros bispos do Brasil; um busto de prata do padroeiro da cidade, São Francisco Xavier de 1686; uma imagem de Nossa Senhora de Guadalupe revestida de prata, que é considerada a mais antiga do Brasil; uma cadeira que pertenceu ao padre Vieira; uma imagem belíssima da Nossa Senhora da Boa Morte; lindíssima imagem de Nosso Senhor dos Passos com lágrimas de rubi líquido e ainda mais centenas de objetos sacros de valor artístico e histórico. Este museu é considerado o mais importante do continente, no gênero de artes sacras, não só pela variedade como pela singularidade e antiguidade representadas. Cumprimentos ao cura Odilon pelo seu magnífico trabalho e que Deus permita a este bondoso e esforçado cônego, ver em breve completamente organizada tão importante obra, para sua alegria e para grandeza ainda maior da Basílica do Salvador que é uma das maravilhas da Bahia.

AMBROSINA M. DE ABREU
Tupanciretã

PARA Embelezamento DO LAR



LUSTRES
TAPETES
CORTINAS
MOVEIS
ESTOFADOS



Casa
KLUWE
A CASA DOS BONS TAPETES

Caminho Novo esq. Cel. Vicente

Nossas Praias ...

RECORDAÇÃO DE CAPÃO DA CANÓIA

14 - 1 - 1946

Eu aqui lhes vou contar
 Nosso veraneio no mar.
 A viagem muito boa
 Até Capão da Canóia.
 A chegada boas vindas
 De amigas e moças lindas.
 Um quartinho caiadinho,
 Bem esfregado e bem limpinho,
 Com um sol maravilhoso,
 Um belo banho gostoso;
 Pouca gente, farta mesa,
 Servidos com gentileza.
 Mas depois, desgraça nossa,
 Chura, chuva mas da grossa!
 De tardezinha ao esteiar
 Corre tudo à beira-mar,
 O vento p'ra judiar
 Leva os guarda-sois pelo ar...
 Pega um, outro partido...
 Mas é muito divertido!
 Entra no quarto cansado,
 Encontra tudo alagado!
 A roupa dependurada
 Parece tôda molhada!
 Os hóspedes vão aumentando
 E a comida escasseando
 E a mocinha graciosa
 Que pinta a cútis mimosa,
 É por qualquer coisa chora
 Aqui, muito sim senhora.
 Mostra alegre, entusiasmada,
 Sua pele tôda queimada,
 E sofrendo por demais,
 Volta a queimar-se ainda mais!
 Mas é "chic" é muito lindo
 E assim se sofre sorrindo!
 O "maillot" quanto mais caro,
 Menor é e menos raro.
 Si alguém na Rua da Praia,
 Mesmo pondo a sobressaia,
 Assim fosse passear...
 À cadeia ia parar!
 Mas aqui é tão vulgar

Que nem vale a pena olhar.
 A pobre da D.^a Ada
 Vai chegar bem fatigada,
 Pois no banho, ela só
 É quem segura a Voró
 Que nunca banha a bengala
 Com medo de desbotá-la.
 Eu que à roleta não vou,
 A noite jogo o crapeaux.
 Na roleta o bom banqueiro
 Vai-se enchendo de dinheiro.
 É o banhista jogador
 Perde o dinheiro e a côr.
 E chove torrencialmente...
 O Salão enche de gente...
 As crianças brigam, choram,
 Os mocinhos se namoram...
 E as senhoras em grupinhos
 Contam graças dos filhinhos.
 Há conversas engraçadas,
 Anedotas recontadas,
 Para o tempo se passar,
 Te' a' hora de deitar.
 De manhã parou a chuva!...
 Corre tudo a comprar ura.
 Estende-se a roupa molhada...
 Arranja-se a filharada...
 Arruma a roupa na mala...
 P'ra logo desarrumá-la...
 Muda a roupa para o mar,
 Pula e grita até cansar...
 Muda a roupa para a mesa,
 Mostra a sua ligeireza
 Vestindo depressa e bem
 Sem auxílio de ninguém.
 Mas corre, trabalha, cansa...
 E só à noite descansa,
 Numa pequena caminha
 Que mal dá para a filhinha!
 O que vale é a alma forte
 De um tal Dr. Loforte
 Que leva a vida a brincar,
 A comer e a fumar...

*E distrai a assembléia,
Mudando-lhe a cara feia,
Em cara alegre e risonha.
É assim a chuva enfadonha
Nos deixa de irritar,
A ver o tempo passar.
As crianças pedem balas,
Compram cestas e bengalas,
Querem carrinho, bicicleta —
Brigam, pintam o sete
E num contínuo vai-rem...
Sem descanso e sem criada,
Passa o tempo muito bem
Numa alegre temporada.
E após tanta correria...
E tanta, tanta arrelia,
Tira saia, bota saia,
Na cidade vai contar:
"Eu passei um mês na praia,
Mesmo só p'ra descansar!"*

*Mas deixando a ironia,
Mesmo assim passando o dia,,
Cheio de falhas e senões,
Esquecemos preocupações.
Voltamos à mocidade,
À nossa mais feliz idade
Da inconsciência da vida,
Tão dura de ser vivida.
Esquecemos por uns momentos
Nossos muitos desalentos
E curando as alergias,
Nós ganhamos energias
P'ra continuar a lutar...
A viver e a trabalhar.
E ao voltarmos à cidade,
De que já temos saudade...
Ao vermos nossa casinha
Muito bem arrumadinha,
Concordamos num sorriso,
Ela ser um Paraíso.*

BERTHA LOFORTE GONÇALVES



Rosas Desfolhadas ...

*Num roseiral, florido, bem distante
Sob o mar verde que ali se espuma
Um vento mau perpassa a todo instante
E perde-se no além, na densa bruma.*



*Em marcha lenta, no amargar cruciante
Sem a esperança de ficar alguma
No vai e vem solene, inconstante
As rosas se desfolham, uma à uma.*

*O mar soluça, freme a Natureza,
Agora os galhos vergam, o roseiral
Para morrer sozinho, sem beleza.*

*Assim também, a vida, pobre vida
Passa sorrindo como um festival
Morre no nada, triste... só... perdida.*

PRESENÇA DE ANCHIETA

ANNETTE DE CASTRO MATTOS
(Da AFESI.)

Na minha primeira saída em São Paulo, no tópo da rua General Carneiro, olhando para a esquerda, depararam meus olhos, pouco adiante, com uma cabana tosca, coberta de palha, que me despertou a atenção pelo contraste que formava em meio a cidade cosmopolita.

Indagando a Anidracir da razão daquilo, respondeu-me que nada mais era do que a reprodução da cabana de Anchieta para as festas do IV Centenário e onde fôra rezada a missa de 25 de Janeiro de 1554, mesmo lugar, portanto, onde em 25 de Janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, Apóstolo que deu nome à cidade, foi rezada missa pelo Padre Manuel de Paiva, local êsse que passou a denominar-se "Pátio do Colégio". Sobre êsse acontecimento, aliás, vê-se na exposição de História de São Paulo, em Ibirapuera, um grande quadro representativo.

No momento não foi possível ir vê-la de perto, mas, na ocasião oportuna para lá me dirigi curiosa. Em São Paulo como no Espírito Santo, a presença de Anchieta está sempre viva, marcante na lembrança, a cada passo, dos lugares onde viveu, nos rastros do seu labor evangélico, nos serviços que prestou na fundação de colégios, na catequese dos selvícolas.

São Paulo, na sua grande festa foi minuciosa, extraordinária, não esquecendo detalhes e, assim, como não poderia deixar de ser, fez construir no mesmo local que deu origem à cidade, onde outrora foi o Colégio dos Jesuítas, uma palhoça que lembrasse a sua fundação, que recordasse os nomes daqueles abnegados frades que ali plantaram com coragem, desprendimento, bravura e estoicismo, o marco daquela Piratininga rústica e selvagem, que viria a ser quatrocentos anos depois a gigantesca metrópole do trabalho e do progresso.

Penetrei na cabana, religiosamente, como quem penetra num templo, com o pensamento voltado para os primórdios da nossa civilização. Lá, outros curiosos se encontravam atentos, examinando tudo cuidadosamente, interessados em ler as inscrições elucidativas do que ali estava. Na singeleza primitiva, que lembrasse a original, estavam expostos mesas, bancos toscos, de páus, tijolos de barro, utensílios usados pelos índios e jesuítas, a "maquette" no próprio chão do roteiro da região, com seus caminhos para pontos diversos, a miniatura da cabana de Tibiriçá, localizada onde é hoje o Largo de São Paulo.

Do lado da cabana amparada, vê-se a mais antiga parede de São Paulo, uma parede do antigo Colégio dos Jesuítas e na Praça da Sé a estátua de Anchieta parece ainda querer domar os homens e as feras...

Anchieta esteve na Bahia, viveu em São Paulo, foi prisioneiro dos tamoios e em Iperoig escreveu o seu mais belo Poema à Virgem, mas, ao Espírito Santo coube a glória e honra de ser a gleba predestinada a receber o seu corpo inanimado, a ouvir o seu último suspiro.

Foram os índios da Capitania de Vasco Fernandes Coutinho que caminharam léguas e léguas, dias e noites, à luz do sol e dos archotes, para transportar da bucólica Iiritiba a Vitória o seu querido **CARAL-BEBE** (o homem de asas), numa singularíssima procissão dentro da selva brasileira.

Guardamos nós do Espírito Santo, não só a história do seu trabalho fecundo e incessante, mas, ainda o seu túmulo no Palácio Anchieta, onde existiu a igreja de São Tiago, dos Jesuítas, que constitui ponto de atração turística de quantos nos visitam e ainda a cela onde morreu, com algumas reliquias, na antiga igreja hoje tornada patrimônio nacional na Cidade de Anchieta, naquela Iiritiba onde passou grande parte da sua vida, entre os gentios que tanto o respeitavam e amavam.

E ainda agora, que recebo uma lembrança delicada do distinto casal Dr. Francisco Perrone-Matilde Stamato Perrone, a conferência-poema do Dr. Eduardo Valente Simões, Presidente da Sociedade de Farmácia e Qui-

mica de São Paulo, proferido no encerramento do III Congresso Farmacêutico e Bioquímico Pan-Americano e V Congresso Brasileiro de Farmácia, no Parque de Ibirapuera, relembrando a visita que fiz à que "era uma pobre cabana, modesta e simples como um presépio, mas abrigava a força dos grandes milagres...", com o conferencista recito:

"Nasceu São Paulo num Colégio. Escola humana, muito humilde, a princípio abrigou-se em cabana feita de barro e recoberta de sapé. Ali, Anchieta foi de todos o primeiro: evangelizador, e médico, e enfermeiro, por obra e graça de sublime, intensa fé.

Em tórno dessa escola foram se agrupando, atraídos por Anchieta e em colorido bando, índios selvagens, mamelucos, portugueses. E assim, por exclusivo amor à humanidade, aos poucos se formou a pequena cidade, hoje grande através de glória e revezes."

Vitória, janeiro de 1955.

União

*Eu leio, nas montanhas majestosas,
As mais belas mensagens de união: —
Suas alturas imensas, gloriosas,
De grãozinhos, formadas, tôdas são.*

*Nas vastas amplidões dos grandes mares,
Esta mesma lição venho aprender: —
Oh, que lindas espumas, singulares,
As gotinhas fizeram, com prazer!*

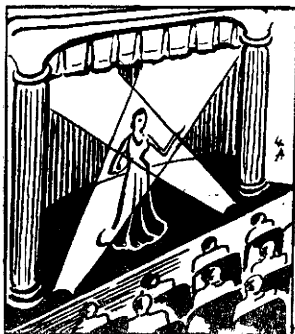
*Oh, eu leio na luz do claro dia,
Desta verdade, o encanto sem igual:
Os raios, bem unidos, com alegria,
Derramam seu fulgor celestial.*

*Também leio nas pétalas das flores,
Desta virtude, o apêlo divinal:
As mimosas corolas e os olores
Nasceram da união, firme e leal.*

*Sim, eu leio, nas doces melodias,
O que pode essa força realizar: —
Um conjunto de sons — que sinfonias
E que esplêndidos coros vai formar!*

*O', que possa, também, a humanidade
Guardar, desta mensagem, as lições,
E river em real fraternidade,
Unindo, fortemente, os corações!*

Lídia Jersak Martins.



NA RIBALTA

Escreve Natércia Cunha Veloso

A personalidade de D. Ottilia de Oliveira Chaves possui simpática irradiação onde quer que a sua pessoa se comunique com um auditório, com uma agremiação ou em particular com o seu grande número de amigos e admiradores.

Há meses sentiamos-lhe a falta no convívio académico, pois D. Ottilia se encontrava em viagem pelos Estados Unidos da América do Norte.

Foi grande a nossa alegria quando a vimos transitando pela principal artéria de nossa cidade. E, como as boas ocasiões não se podem desperdiçar, desse ocasional encontro surgiu esta entrevista, reservada a nossa habitual secção de "Atenéia".

Após uma afetuosa saudação, fizemos a nossa confrade a primeira pergunta:

1) — Que tempo durou sua estada em Norte-América e por que lugares andou?

D. Ottilia, tirando de sua confortável bolsa um mapa dos EE. UU. propôs-se a nos mostrar exatamente o seu itinerário de viagem.

Entramos em seguida num atelier fotográfico, para ilustrar a presente reportagem, e D. Ottilia foi falando, falando, satisfazendo gentilmente a nossa curiosidade.

A seguir, terão os leitores o esclarecimento do roteiro e das finalidades da excursão da ilustre académica, a quem reiteramos, nesta oportunidade, os agradecimentos que lhe externamos ao finalizar nossa agradável palestra.

2) — Motivos particulares, intelectuais, religiosos, foram o alvo de sua viagem?

3) — E' animador o movimento intelectual feminino nos EE. UU.?

4) — Pode nos citar algum nome?

5) — Na órbita de sua observação, que acontecimento digno de nota tem a Sra. para nos relatar?

6) — Essas entrevistas terminam, para o prazer de nossos leitores, com uma saudação ou mensagem especial da entrevistada. Tem a palavra pois, e muitíssimo grata, D. Ottilia, pela sua fineza em aquiescer ao nosso convite.

RESPOSTAS AS PERGUNTAS DE NATÉRCIA VELOSO para a Atenéia

1. Estive exatamente seis meses nos Estados Unidos, de 18 de março a 18 de setembro de 1956.

2. Desembarquei em Miami, Florida, tendo feito a viagem direta de Porto Alegre a Miami em 36 horas pela Real-Aerovias.

Visitei em seguida Atlanta, Ga. Dali fui a Kansas City, Mo. e Kansas City, Kansas. São cidades gêmeas, uma num Estado, outra noutro. Voltei a Montgomery, Alabama, e de novo a Emory University, Ga, onde tenho uma filha fazendo o Curso superior de enfermagem. Mais tarde, voltei a Missouri para visitar Kirksville e Sikeston e dirigi-me para Manhattan, Kansas, tendo passado 3 dias em visita à cidade e ao grande Colégio Estadual, onde lecionam três amigas minhas.

Dali, fui de auto até Minneapolis, Minnesota, o Estado dos lagos. Existem 10.000 lagos em todo o Estado e na cidade, um grande número deles. Nesta cidade passei 15 dias no Concílio Geral da Igreja Metodista, o qual congregou cerca de mil delegados de todo o mundo.

Enquanto estive em Minneapolis tive o privilégio de visitar a maior clínica americana, a Clínica de Mayo, na cidade de Rochester. É uma maravilha de instalações, de técnica e de eficiência. Trabalha em cooperação com um Hospital Metodista e um Hospital Católico, o St. Mary, os maiores da cidade. O paciente que ali chega não deixa de fazer tudo que carece, tenha ou não tenha recursos, e, quando tem alta, recebe a conta não do que gastou, mas do que, pelas investigações feitas, ele mesmo declarou que poderia pagar. Alguns dos mais famosos clínicos e cirurgiões do mundo ali trabalham e nos seus laboratórios fazem-se pesquisas que têm determinado a sorte do mundo, especialmente sobre moléstias do coração. Foi ali que se realizou a primeira tentativa de operar o coração parado. São necessários 9 cirurgiões para fazê-la, mas, dizem eles que, hoje, é operação tão banal como qualquer outra. É uma instituição de base filantrópica, idealista, sem fins comerciais. Só um dos hospitais atende 20.000 pacientes no ano de 1955. Rochester é uma comunidade de 35.000 habitantes.

Depois, voltei ao Estado de Georgia, onde passei 15 dias em excursões, por, nada menos de 14 cidades. Tive uma grande emoção quando chegamos a cidade de Jonesboro, onde viveu e onde produziu sua obra prima a grande escritora americana, autora de "E o vento levou", Margaret Mitchell. Vi a casa onde ela morou e o ambiente que serviu de cenário à sua grande novela.

Visitei depois os Estados de Kentucky, Tennessee, Arkansas, Oklahoma, Carolina do Sul e Carolina do Norte. Na cidade de Paducah, Ky., celebrava-se o ano do centenário de sua fundação e era interessante notar um dos detalhes das comemorações: quase todos os homens ali radicados tinham deixado crescer a barba e a usavam à moda de seus antepassados de 100 anos atrás. Por toda a parte, nos hotéis, casas comerciais, clubes, colégios, etc., havia cartazes, escudos, flâmulas, faixas com dizeres alusivos ao fato histórico. As moças usavam vestidos de há 100 anos nas suas reuniões sociais e até as garçonetas em bares e restaurantes assim se trajavam.

3. O motivo principal de minha viagem foi o Congresso Mundial de Senhoras Metodistas do qual eu era presidente, tendo dirigido a Associação por 4 anos. Este realizar-se-ia em Agosto de 1956. Aproveitando, pois, a viagem, fui com antecedência para visitar o movimento das senhoras metodistas na América do Norte e ultimar os detalhes do programa do congresso. A associação feminina metodista da América do Norte, que é uma das partes componentes da Federação da qual fui presidente, conta com 2.000.000 de associadas que se dedicam com muito ardor a obra educativa, social e religiosa não só nos Estados Unidos, mas, através das missões, no mundo inteiro. Foram elas que fundaram em Porto Alegre o Colégio Americano e até hoje auxiliam na sua manutenção, mandando obreiras que os dirigem e subvencionando-o, a fim de que possa prestar os benefícios que presta às jovens estudantes de nossa terra. Mantém elas mais seis estabelecimentos congêneres no nosso país, sendo um deles o Colégio Centenário, em Santa Maria, cuja diretora Louise Best já deu 35 anos de sua preciosa vida aquela instituição e, há uns dois anos, foi condecorada no programa de "Honra ao Mérito", pela contribuição cultural que tem feito ao Brasil. O Colégio Americano em Porto Alegre teve seus vastos e modernos edifícios construídos por outra destas educadoras eméritas, que não só construiu edifícios, mas foi artífice de muitos caracteres nobres de jovens gaúchas que são hoje mestras, profissionais, funcionárias públicas, artistas, escritoras, mães exemplares e dignas continuadoras da obra que o colégio lhes incutiu na mente e no coração. Refiro-me a Mary Sue Brown que nos visitou no ano pp. para a comemoração do 70.º aniversário do colégio que ela dirigiu por cerca de 40 anos.

4. Não tive contato com centros literários propriamente ditos, mas a cultura geral da mulher americana excede de muito a de nossa gente. Elas se interessam por todos os movimentos de caráter cultural, político, social e educativo de sua pátria. A mulher americana não somente vota



A acadêmica Otilia Chaves
quando era entrevistada pela nossa reportagem.

nas eleições, mas estuda, discute, opina e se manifesta no tempo oportuno, a respeito das resoluções do Congresso, dos problemas em pauta quer na administração pública, quer na escola e, mui particularmente, toma parte ativa na vida de sua comunidade. Promovem o bem-estar público, organizam sociedades para o cultivo da cidadania e são elementos moderadores em todos os movimentos locais ou nacionais. Um dos exemplos mais interessantes que observei deste aspecto foi o promovido pelas senhoras metodistas. Ia o Concílio Geral tratar de um assunto do seu interesse e elas se arremeteram para expressar sua opinião a respeito do mesmo. Cerca de 2.000 memoriais foram enviados a uma só comissão por intermédio das senhoras. E não se diga que fosse campanha política, não; pois, estes memoriais traziam a opinião franca de cada grupo representado, umas a favor e outras contra.

5. Sendo esta a quarta vez que visito a América do Norte, em épocas diferentes, a coisa mais notável a meu ver é o movimento generalizado a favor da abolição da segregação racial. Quando, pela primeira vez, cheguei na América do Norte, este foi o aspecto que me chocou, pois sabia da existência do problema, mas não avaliava a sua extensão. Era 1926. Naquele tempo, ninguém ousava falar na possibilidade de integração. A oposição era tão ferrenha da parte dos brancos como da parte dos negros. Até entre os cristãos mais dedicados havia o conceito generalizado de que não havia solução para o caso.

Quando regresssei em 1948, já se esboçavam muitos movimentos, especialmente entre os estudantes, para mudar a situação. Já muitos tabus tinham sido derrubados e nas Universidades os cursos de Antropologia frisavam a realidade da igualdade da raça humana e portanto, o não senso da segregação racial.

Em 1952 voltei à América do Norte. Já então, instituições tradicionais do Sul admitiam a associação entre brancos e pretos em ocasiões especiais, em conferências, em congressos de estudo e, frequentemente, grandes personalidades negras eram convidadas a tomar parte como oradores, professores, líderes de grupos de jovens, por toda parte, e vice-versa.

Agora, em 1956, encontro o assunto em pauta, tendo a Suprema Corte declarado a igualdade de todos os cidadãos perante a lei. Foi aí que surgiram os incidentes, mais de ordem política do que social, e os interessados em acirrar os ânimos e os sensacionalistas registram todos os casos negativos neste terreno para desmoralizar os heróis desta campanha. É bem verdade que qualquer decreto desta natureza havia de

provocar aqueles que paulatinamente, por processo educativo, iam se adaptando à realidade dos fatos. Foi como o fogo no paiol de pólvora. Não sei se o povo americano vai poder transpor esta crise sem grandes perturbações, mas na minha opinião de observadora sem part-pus, houve um progresso extraordinário na mudança de atitude entre o povo, especialmente entre os cristãos nos Estados Unidos. Há uma campanha educativa que se faz de indivíduo a indivíduo, de grupo em grupo, especialmente entre aquelas 2.000.000 de senhoras metodistas, a fim de que o assunto seja resolvido em paz e abolida a segregação racial.

A propaganda anti-americanista que se desenvolve em nossa terra é injusta para com o povo americano. Não entendo de política, não sei de qualquer implicação da política internacional do Governo americano, mas uma coisa eu sei é que lá, como aqui, o povo, as famílias, os indivíduos, não têm as intenções que lhes são atribuídas. E' possível que alguns representantes do povo, galgando os postos de comando, tomem atitudes que, na sua maioria, o povo não sanciona. Nós sentimos isto na própria carne.

O cinema também mal interpreta a vida social e doméstica do povo americano. Convivendo com as famílias, tendo contato com o que há de melhor nos Estados Unidos, somos obrigados a crêr que há um sentimento de solidariedade, de boa vontade e de interesse genuíno no bem-estar do mundo.

Esta é a mensagem que eu trago aos leitores de Atenéia, mensagem de paz, de compreensão e boa vontade que devemos cultivar não só para com os americanos, mas para com todos os povos da América e do mundo inteiro.

Sou agora vice-presidente do Concílio Mundial de Igrejas Metodistas, cuja finalidade é criar no mundo esta atmosfera de fraternidade, de paz e boa vontade que o nosso Mestre e Salvador Jesus Cristo veio a este mundo para implantar.

A única força que pode construir a paz douradoura é o amor, que no dizer do grande apóstolo Paulo: "E' sofredor; é benigno; não é invejoso; não trata com leviandade; não se ensoberbece; não se porta com indecência; não busca os seus interesses; não se irrita; não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta."

JOALHERIA SAFIRA

de

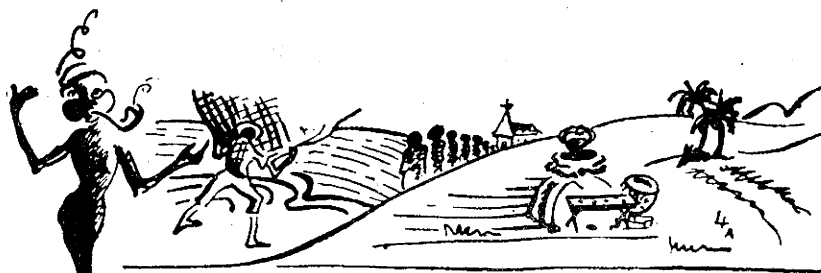
RUDY SCHNEIDER & CIA.

IRAI' — R. G. Sul

Fábrica própria

JÓIAS — RELÓGIOS — ARTIGOS PARA PRESENTES

— CONSERTOS EM GERAL —



Página Folclórica.

★ ★ ★ ★ ★

OS PERÚS

NOEMY V. ROCHA

Antes de relatar aos leitores da nossa págnia de tradições como eram vendidos antigamente os Perú em nossa cidade, faremos um bosquejo ornitológico sobre essas aves, pertencentes ao gênero galináceo.

O Perú é originário do México e lá era criado e reproduzido até o século XVI, quando então foi levado e aclimatado na Europa, donde se espalhou para inúmeras regiões do globo terráqueo.

São conhecidas três espécies desses galináceos: — o doméstico, gallipavo meleagris é o mais comum, conhecido e utilizado na arte culinária.

Citam-se os dois outros grupos: meleagris amerina, originário dos Estados Unidos e meleagris ocelata, originário da América Central.

O Perú doméstico (gallipavo meleagris) é uma ave bonita e faceira. Sua plumagem linda tem um colorido metálico variando do dourado ao bronzado. Ave tímida e irritadica. Quando ouve uma pessoa assobiar se excita, caminha, rodeia, canta fortemente e abre as penas da cauda em forma de bonito leque. A cabeça e a parte anterior do pescoço são desprovidas de penas, em compensação essas regiões estão cobertas de saliências em forma da ervilha, de cor variando do vermelho ao violáceo, chamadas carúnculas. O Perú atinge no máximo 55 cm. de altura e seu peso varia de alguns quilos conforme a alimentação. Este se diferencia da fêmea, além do tamanho que é sempre maior, também pelos caracteres:

a crista é muito maior, tem no peito um conjunto de penas em forma de pincel e sobre o bico uma carnosidade pendurada a maneira de um balão de borracha murcha, como esses que servem de brinquedo às crianças. Quando o Perú quer ele é erético. Tanto o Perú como a perua têm os pés como os outros galináceos, três dedos e um esporão. Costuma-se dizer que os pés e pernas são ásperos e escamosos quando os Perú são velhos, o que rebaixa o preço de venda. Entretanto, isto nem sempre é verdade, pois, quando essas aves são criadas em terrenos que têm muitas urtigas, a pele dos pés e pernas pela constante irritação produzida por essas ervas, torna-se dura e rugosa.

Os ovos dessa espécie de galináceo são de um branco azulado, salpicado de pigmentos avermelhados cor de tijolo cozido. Os ovos são postos no chão mais comumente cobertos por galinhas, porque a perua

é pesada e grosseira, facilmente quebra os ovos ao entrar ou sair do ninho. Quando descascam os ovos, pessoas que se dedicam a criação dessas aves, sabem como os perusinhos na sua tenra idade são débeis, são muito sensíveis à chuva e até dois meses de idade exigem cuidados e alimentação especiais. Usa-se para alimentá-los nessa época, pirão de farinha de milho, ovos cozidos e picados e cebola verde também bem cortadinha.

Devido a essas exigências são aves de preço caro. Além disso sua carne é muito procurada e apreciada em festas. É uma carne muito clara tenra muito saborrosa na parte do peito. Costuma-se dar nozes esmagadas para o peru comer alguns dias antes de sacrificá-lo. Com esse tratamento sua carne adquire um sabor especial. O modo de preparar esse apetitoso prato, tem se modificado muito com a moda trazida da Norte América. Outrora só se usava os perús assados recheados com suas próprias vísceras (moela, fígado, coração), picadas, cozidas e temperadas com cebola e salsa verdes e pimenta da terra. Eram cortados, para servir aos convidados em pedaços grandes. Hoje, pelo contrário, são retalhados em pequenas porções e misturados com frutas, compotas e doces. Entre os doces usam-se os fios de ovos enrolados na carne de peru e envoltos em papel celofane.

Feitas estas rápidas digressões sobre a origem e vida dessa raça de galináceo e ainda como era e é atualmente preparado para as refeições, vamos nos ocupar de uma outra parte tradicional; como era vendidos antigamente essa casta de aves em nossa capital.

Os próprios criadores ou os vendedores de perús, geralmente um homem e dois rapazes percorriam com um bando de perús as ruas de nossa capital. Esse vendedores portavam nas mãos varas longas de mar-meleiros, junco e mais comumente taquara do reino, que com elas iam repontando os perús e vendendo-os às portas das casas.

Depois com o grande desenvolvimento que tomou Pôrto Alegre, nos últimos anos, seu tráfego intenso de veículos de toda espécie e de transeuntes, esse interessante modo de comércio desapareceu. Da mesma forma que quase está desaparecida a venda de frangos e galinhas a domicílio, que antigamente era carregados em carroças gradeadas com sarrafos, ou os homens os traziam em balaies ou em penca amarrados pelas pernas. Com o evoluir dos tempos, também, esse comércio de aves deixou de ser feito dessa forma.

Ainda encontram-se na Av. Protásio Alves, num largo apelidado de "Praça das Carretas", perús e galinhas, que nesse local são vendidos por unidade.

De resto todo esse comércio é feito nos açougues e mercados. Medida, aliás, acertada não só como higiênica como também como comodidade para as donas de casa, tão sacrificadas com a falta crescente de empregada para o serviço doméstico, máxime para as lides de cozinhas.

Temos ainda a relatar a diferença dos preços dessas aves. Há vários anos atrás os perús custavam de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 25,00 (aliás naquela época 10 ou 20 mil reis). Hoje variam de Cr\$ 200,00 a Cr\$ 400,00 por unidade, comprado na citada Praça das Carretas. Nos açougues e mercados as aves são vendidas por quilos sem as vísceras que também são tabeladas conforme o peso. Não escapa à esperteza dos açougueiros, venderem as aves com a cabeça e o ventre recheados com os pés, a fim de aumentar o peso.

O ano passado tive ocasião de ver um homem com dois gurus, repontando um bando de perús pela Avenida Osvaldo Aranha.

Com surpresa pela aparição daquele velho hábito de comércio da moda "dos antigamentes", como dizem os nossos irmãos em termos gaúchescos.

Não tornei mais a vê-los.

Eis, pois, o que tinha a dizer sobre o tema "Perús".

.....

Vozes da America

GABRIELA MISTRAL

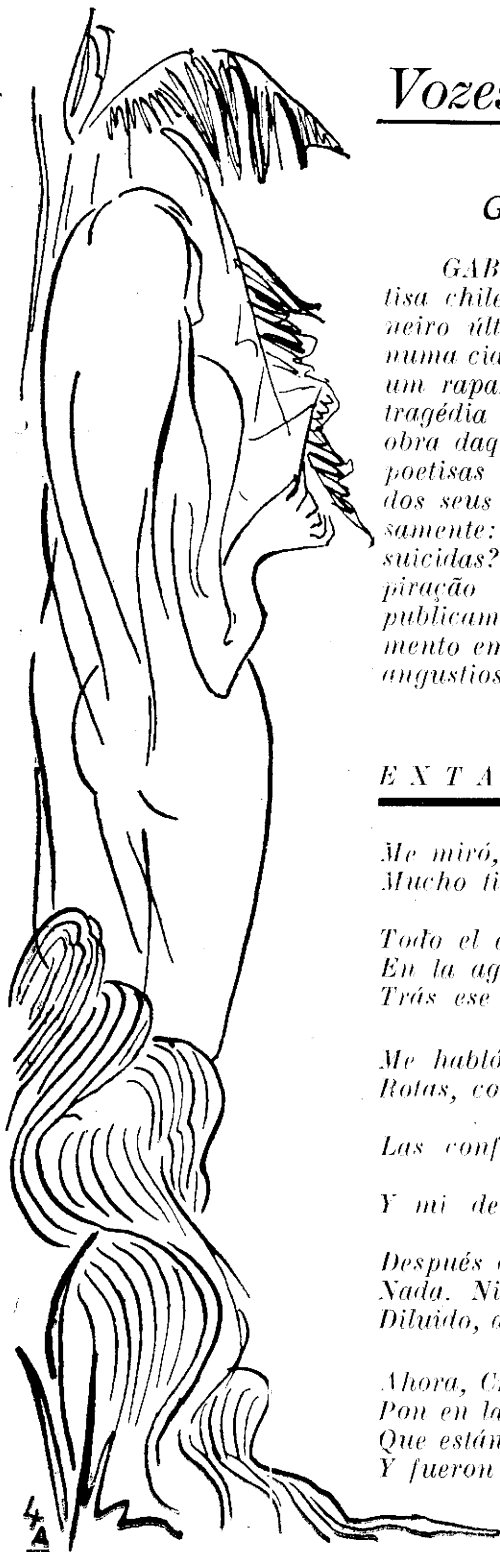
GABRIELA MISTRAL, a grande poetisa chilena desaparecida no mês de janeiro último, quando jovem, professora numa cidadezinha de seu país natal, amou um rapaz ferroviário, que se suicidou. A tragédia marcou fundamente a vida e a obra daquela que seria uma das maiores poetisas da América e do mundo. Num dos seus poemas, indaga, mesmo, dolorosamente: "Como seguirán dormindo los suicidas?" Pertence decerto a mesma inspiração este outro poema seu que hoje publicamos, em sua homenagem, no momento em que Cristo acaba de atender ao angustioso apêlo final nêle confido.

EXTASIS

Me miró, nos miramos en silencio...
Mucho tiempo. Claradas, como en la
[muerte, las pupilas,
Todo el estupor que blanquea las caras,
En la agonía, albeava nuestro rostros.
Trás ese instantei ya no queda nada.

Me habló convulsivamente. Le hablé
Rotas, cortadas de plenitud, inquietación
[y angustia
Las confusas palabras. Le hablé de su
[destino
Y mi destino, amasijo fatal de sangre
[y lagrimas
Después de eso, los sé, no queda nada.
Nada. Ningún perfume que no sea
Diluido, a rolar sobre mi cara.

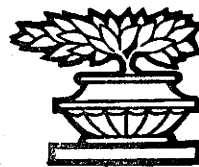
Ahora, Cristo, bajáme dos párpados,
Pon en la boca escarcha!
Que están de sobra ya todas las horas
Y fueron dichas todas las palabras.





LUZ

que se apaga



VIRGINA MICHELIN

(Da Academia Literária Feminina).

No mundo da literatura apagou-se uma luz para fundir-se na eternidade. Morreu Gabriela Mistral. Cansada das lides do mundo, foi receber no céu o prêmio da sua bondade. Seu nome ficará na história, não só através do patrimônio imperecível que nos legou, como também, irmanado na beleza imortal da espiritualidade. Gabriela Mistral foi uma iluminada e transmitiu êsse fulgor em obras de caridade. Amava os pequeninos, e basta ver seu último gesto, legando às crianças pobres de Monte Grande todos os seus bens.

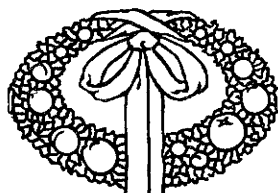
Em seus poemas vamos encontrar a mulher que, sem ser mãe, o foi por intuição. Desdobrava a imensa ternura do seu coração em amor a todos os pequeninos. Foi a mulher sábia, a missionária incansável e fez dos momentos amargos, exemplos edificantes de resignação e altruísmo. Da solidão extraiu um mundo de compreensão e colheu elementos para a evolução espiritual. Como mestra inconfundível deixou em sua sublime pedagogia a própria filosofia extraída do agreste caminho da vida, onde trilhou seu destino. E por isso era boa, nobre e sincera. Espalhou na simplicidade do sentir, na literatura, na caridade, o exemplo do mestre de sua predileção — São Francisco de Assis.

No ano de 1943, quando uma grande dor a feriu profundamente, sua vida se fez mais triste e solitária, ante o silêncio da morte. Deus para provar-lhe a fé, escolheu para tanto o fruto de suas esperanças, de seus anseios, aquele em que via, o filho querido, o discípulo amado, o continuador de sua vida. Com o coração profundamente ferido parecia soçobrar no mar revolto da amargura. E assim, Gabriela Mistral, sôzinha em dolorosa saudade, sômente ençôntrou alento na espiritualidade.

Hoje, não apenas o país que a viu nascer, mas tôda a América e até o mundo, se cobrem de luto pela insubstituível perda da autora de "La oracion de la maestra" e "Vida de San Francisco de Assis".

Nós, as pequeninas discípulas no caminho das letras, nos orgulhamos do seu valor de mulher, não só pelo brilho de sua inteligência, como pelo estoicismo na dor, suportada na cruel enfermidade que a levou.

Portanto, com os nossos corações unidos aos corações dos irmãos da pátria distante, choremos a falta daquela que na terra foi uma luz, porque foi sabedoria, bondade e amor.



REQUIEM 'A

GABRIELA MISTRAL

GABRIELA MISTRAL, o mundo inteiro,
Curvou-se ante o suspiro derradeiro,
Que exalaste num tom comovedor,
Porque tu ofereceste à Humanidade,
Pensamentos cingidos de BONDADÉ,
Evocando em POESIA, a PAZ e o AMOR!

Embaixatriz, tu foste da TERNURA,
Desta que faz mais bela a criatura,
Transformando-lhe todo o coração,
Fazendo-o de areial árido e quente,
Em gleba de um jardim suave e olente,
Dos perfumes de intensa floração!

Decantaste com ênfase a BELEZA
Que existe nos rincões da Natureza,
Em os teus coloridos madrigais,
Proclamado os encantos e os tesouros,
Que palpitam nos castos ramos louros,
De helênicos e poéticos trigais!

Com mãos serenas, leres e seguras,
Concitaste, cantando, as criaturas,
A river sôbre as base da VERDADE,
Indicando um Caminho assaz florido,
No AMOR inteiramente diluído,
AMOR transcendental da ETERNIDADE!

Tu eras a POESIA, a RIMA, o ENCANTO,
Eras LIRA a compor celeste canto,
Eras a MUSA ideal por eleição!
e ao sentir-te passar pelas estradas,
Calaram-se POETAS, mãos cruzadas,
Ante o esplendor de tua aparição!

Porisso, o mundo inteiro comovido,
Pronunciou o teu nome num gemido,
No dia de teu triste funeral...
Mas viu, surpreso, além dos UNIVERSOS,
Em Castália de Luz, teus lindos versos,
Pronunciados em tons graves... dispersos...

Oh! GABRIELA MISTRAL!

Déa R. de Figueiredo
Fevereiro de 1957.

A'

GABRIELA MISTRAL

*Uma vida tão nobre quanto bela,
espargindo perfumes e esperanças,
tu tiveste, ó suave Gabriela!...*

*Cisne branco, do lago transparente
onde a egrégia poesia se distila,
tu soubeste deixar a tôda a gente*

*a grandeza do gesto e da palavra!
O profundo e supremo conteúdo
sempre humano e real de tua lavra!...*

*Dos caminhos da luz — a cinderela,
quem ouviu tua voz — ficou cativo
de um ideal levantado, ó Gabriela!...*

*Porque acima de tudo o teu ideal
foi a glória do homem pelo bem,
na certeza da paz universal!...*

*Hoje, deixas a vida. Mas a vida
foi por ti, Gabriela, por teus versos,
tão magnificamente enriquecida,*

*que presente estarás em cada flor
que brotar nos caminhos. E nos peitos,
em cad' aura de sonhos e de amor!...*

*...Que uma vida tão nobre quanto bela
espargindo perfumes e esperanças,
tu tireste, ó suave Gabriela!...*

AL CIELO

(Para "ATENÉIA")

Gabriela Mistral:

*Hermana de América,
millonaria de sueños,
sembradora fecunda
de estrellas,
de letras,
de flores
y versos.*

*En tu espíritu había
la grandeza sublime
de todo el firmamento;
y tus ojos cansados
fueron norte
que guiaban
— en los mares del arte —
el barquero del sueño.*

Hermana Gabriela:

*— dicen que has muerto —
Para mi siempre vives...
Te seguiré escribiendo
como antes,
con el mismo cariño
fraternal y sincero.
Cambiaré solamente
el rumbo de la carta:
Te escribiré... al cielo!*

JOSE ROTUNDO CAMPOFLORES
Buenos Aires - R. Argentina

PAGINA DE SAUDADE



OTHELO ROSA

NOEMY V. ROCHA

Em 1954 nesta nossa revista tivemos o prazer de estampar o retrato e o Curriculum vitae de Othello Rosa, engalanando nossa coluna dos "Amigos da Academia L. F. R. G. S."

Longe do nosso pensamento estava que apenas decorridos dois anos iríamos ficar privados do seu convívio e da sua amizade.

A saudade que temos de Othello Rosa alia-se o nosso reconhecimento. Ele sempre que precisávamos de qualquer certidão, para a nossa Academia, ele sabedor das dificuldades financeiras com que lutamos para mantê-la, bem como a nossa revista, prazeroso abria mão de toda remuneração em benefício de ambas. Othello Rosa tinha um grande coração e era também um grande idealista e como tal sabia compreender-nos.

A Othello Rosa, o grande amigo da A. L. F. R. G. S., nosso preito de homenagem.

O grande vácuo que Othello Rosa deixou, quer no seio de sua família, como na sociedade e no mundo das letras, faz com que seu nome seja lembrado com saudade e reverência.

Se por um lado o seu desaparecimento inesperado e repentino foi chocante, por outro lado conforta-nos que ele faleceu no apogeu de sua gloriosa carreira, válido, em completa lucidez de seu brilhante talento. Para um intelectual é preferível deixar este mundo em plena atividade, do que ir aos poucos se aniquilando, morrendo diariamente.

Em suas produções literárias e poéticas assim o compreendemos. Eis o que em um dos belos sonetos "A um poeta" ele comenta:

Sem cessar, investiga, e guiado pela Arte
Ausculta a alma, e o ninho, e o pélagos medonho,
Que lágrimas e dor verás em toda a parte.

E no fecho dêsse soneto, com se um conselho formulasse, nos diz

Vence tua amargura: plácido, e risonho,
Desfralda sobre o mundo, à guisa d'estardarte,
Um farrapo de ideal e a nesga azul dum sonho!

Othello Rosa foi um predestinado. Nasceu para a glória e esplendor das letras. Como homem, seu exercício em funções políticas ou administrativas tiveram o cunho de honestidade, dedicação e valor.

Em rápidos traços, porém pincelados da cor roxa da saudade, faremos aqui um bosquejo de suas atividades públicas e literárias.

Nasceu na cidade de Montenegro, em 1889. Desde tenra idade deu mostras de sua inteligência. Aconselhado por seu tio Prof. Inácio de Oliveira Cabral, estudou por sua própria conta como autodidata venceu brilhantemente. Muito jovem ainda, foi residir em Taquari, lá estreando na imprensa no jornal "O Taquariense". Dessa época em diante sua carreira foi sempre ascensional. Nessa cidade foi vereador e depois promotor de justiça.

Mais tarde transferiu residência para esta Capital, onde ocupou vários cargos de confiança: foi secretário do Governo do Estado no tempo de Borges de Medeiros. Após foi secretário da Procuradoria do Estado e em seguida juiz municipal de Santa Cruz.

Foi secretário da Educação no governo de Flores da Cunha.

Foi um dos diretores da "A Federação". Foi deputado estadual.

Dedicou grande parte de sua preciosa existência como oficial do Cartório de Registro Especial.

Como literato colaborava em vários jornais e revistas, abordando assuntos de diversos aspectos.

Deixou rica bagagem literária, principalmente no terreno histórico do nosso Estado.

É autor dos seguintes trabalhos publicados: Vida de Júlio de Castilhos, Vultos da Epopéia Farroupilha, Os Amores de Canabarro, Canções da Moçidade, A Moça Loira (romance), Evangelho do Amor (poesias), Em casa de um vizinho, O divórcio no Brasil, Muitas Conferências e artigos sobre política.

Exerceu a presidência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e também da Academia Riograndense de Letras, sendo colaborador assíduo da revista dessa entidade.

A personalidade invulgar do nosso prezado amigo, tão lamentavelmente desaparecido do nosso convívio, aqui consignamos nossa saudade e respeito à sua venerável memória.

EDIÇÕES da LIVRARIA SELBACH de Selbach & Cia.

Rua Marechal Floriano n.º 10 — PORTO ALEGRE

Os Bem-aventurados Roque González, Afonso Rodriguez e João del Castillo, Mártires do Caaró e Pirapó, pelo Rev. Pe. Luis Gonzaga Jaeger, S. J. — 1.º volume da Coleção Jesuítas no Sul do Brasil — 2.ª edição melhorada Cr\$ 80,00

Biografia completa do Rev. Pe. João Baptista Reus, S. J., pelo Rev. Pe. Léo Kohler, S. J. — 2.º volume da Coleção Jesuítas no Sul do Brasil Cr\$ 60,00

História das Missões Orientais do Uruguai, por Aurelio Porto - 1.ª parte - 3.º volume da Coleção Jesuítas no Sul do Brasil — 2. edição aperfeiçoada pelo Rev. Pe. Luis Gonzaga Jaeger, S. J. Cr\$ 100,00

História das Missões Orientais do Uruguai, por Aurelio Porto - 2.ª parte - 4.º volume da Coleção Jesuítas no Sul do Brasil — 2. edição aperfeiçoada pelo Rev. Pe. Luis Gonzaga Jaeger, S. J. Cr\$ 120,00

A Cultura dos Sete Povos, pelo Pe. Arnaldo Bruxel, S. J. — 5.º Volume da Coleção Jesuítas no Sul do Brasil (em preparo)

A Fisionomia do Rio Grande do Sul, Ensaio demonografia natural, pelo Pe. Balduino Rambo, S. J. — 6.º Volume da Coleção Jesuítas no Sul do Brasil — 2.ª edição revista... Cr\$ 150,00

EM VERDE...

ALZIRA FREITAS TACQUES

*Tôda de verde, na manhã dourada,
verdes os olhos e também as restes,
tinhas um quê dessas visões celestes,
algo assim de madona de balada.*

*Triste... dessa dolência dos ciprestes,
tanto eu te disse, sem dizer-te nada,
ao ver-te assim, de sol iluminada,
verdes os olhos e também as restes!*

*Tão formosa me rieste, na hora calma,
que a saudade, nem bem nos separamos,
de ametistas restiu tôda a minh'alma.*

*Ês, a meu ver, tal qual como a VENTURA,
que nos persegue... quando a desprezamos...
e que nos foge... quando se a procura!...*

Inédito para "Atenéia"

 NO SEPAS

SONETO de CELESTE MARIA MASERA e
tradução de ROMÁN FONTAN LEMES.

*No sepas, nó, la causa verdadera
De esta tristeza que me abate tanto,
De nada vale y de cualquier manera
No podrás jamás secar mi llanto.*

*Llorando as veces la semana entera,
Escondida del mundo, en un manto,
Tengo saudade, solo por compañera
Y mi madre querida, com mirar santo.*

*Y estas líneas mi apreciado amigo
No muestros a nadie, guárdalas contigo,
Pero no indagues, sobre mi padecer.*

*Pues junto a ellas a triste cansado
Mi pobre corazon ja desesperado
Es todo lo que te puedo yo ofrecer.*

Página Gaúcha

A Figueira

ANITA R. GONZALES

Do Livro: "Meu Rio Grande do Sul"

*Era linda a figueira lá da estância,
onde meu Pai nasceu e viveu nela,
uma vida feliz, sem inconstância,
— tomando chimarrão à sombra dela.*

*Recordo-te feliz... talvez com ânsia,
mêdo de não te vêr assim tão bela,
como eu te engergo aqui desta distância:
Da casa-grande a — linda sentinela.*

*Eu quisera que tudo nesta vida,
fôsse como aquela árvore querida,
— sempre em riço e plenissima de encanto.*

*Mas... o tempo vai tudo arrebanhando...
e a saudade no peito encurralando...
— a explodir, feito a minha, neste canto.*



Saudade

Saudade! Doçura! Sofrimento!
Saudade que maltrata!
Saudade que acarinha!
Saudade doce e terna companheira
da triste viuvez da vida minha!
Não me abandones nunca!
Não me deixes sòzinha!
És um pedaço dêle
a estar sempre comigo!
És o passado lindo, a reviver florido!
Ele se foi, deixando-me sòzinha,
indiferente à dor e às lágrimas sentidas,
que de rojos a seus pés, chorei
perdidamente!
Só tu ficaste,
companheira minha!
Como um farol em meio
à noite imensa, a iluminar
bondosamente o meu caminho!

Córa T. Maia

ATENÉIA agradece ao

BANCO DA PROVÍNCIA

DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.

o auxílio prestado à esta edição.

O SINO

DULCE A. SIQUEIRA

Do alto da esguia torre solitária,
Cumpre o sino sereno o seu destino:
Cedo desperta a monja missionária,
Que ao seu chamado entôa logo um hino.

Quando o manto da noite solidária
Com a tristeza do pálido beduino,
Cobre de sombra a terra tumultária,
Geme o sino — cumprindo o seu destino.

O sino tem alma e daria ao certo,
O ouro todo da terra, se entendido
Fôsse o coração no bronze encoberto.

Todos os dias, quantos, quantos dias,
Não soluça esse eterno incompreendido
Nos repiques, nos dobres funerais!

Recife, Junho de 1955.

No sétimo aniversário de «Atenéia»

ANNETTE DE CASTRO MATTOS

Amanhã, dia 29 de outubro de 1956, assinala a passagem do sétimo aniversário de «Atenéia», órgão oficial da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Essa revista, que é o porta-voz das atividades literárias femininas gaúchas, vem sendo dirigida e orientada por um grupo brilhante de intelectuais daquele importante Estado sulino, cujo desejo e preocupação constantes tem sido o de difundir e incentivar a literatura por todos os recantos do globo, num conagração amistoso de pessoas e povos.

A Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, a que nos habituamos a admirar e a querer bem, é um exemplo magnífico que a mulher literatasul-riograndense dá às demais da União, pelo esforço contínuo de suas atividades culturais, pela coesão, pela solidariedade, pela amizade e união de seus membros, todos movidos pelo mesmo entusiasmo de um ideal comum, no culto, desenvolvimento e divulgação das letras femininas.

Há sete anos vem fazendo «Atenéia» um entrelaçamento espiritual entre pessoas diferentes e povos distantes, levando a todos a mensagem afetiva do seu pensamento, da sua palavra amiga. Nós aqui, da modestíssima Academia Literária Feminina do E. Santo, de algum tempo vimos mantendo contato com essa simpática revista e suas dirigentes, ora publicando trabalhos nossos em suas páginas, ora os seus em nossos jornais.

Pequena no formato, rica no conteúdo, «Atenéia» vai cumprindo galhardamente a legenda que lhe imprimiram — «Sempre mais Acima — Sempre mais Além» (Litt're), conquistando cada ano que passa mais lauréis e mais simpatia.

Sem estardalhaço, sem títulos espalhafatosos, é uma publicação essencialmente literária, discreta, delicada e fidalga na linguagem, rigorosa nos trabalhos que publica e nos conceitos de emite; é bem o reflexo de almas nobres e generosas, de pessoas que primam pela finura do trato, pelo esmero de uma educação moldada nos princípios da doutrina cristã.

Noticiosa e variada, ali encontramos uma infinidade de assuntos, desde os versos de poetisas diversas às crônicas bem desenvolvidas; impressões de viagens, notas de recitais, programas de rádio que possui em várias emissoras do Estado, entrevistas, concertos, a página dedicada ao rico folclore gaúcho, a cargo da Dra. Noemy V. Rocha, a de intercâmbio nacional, de responsabilidade da Prof.^a Natércia Cunha Veloso, que põe em contacto escritoras e escritores do país todo, de norte a sul; a do intercâmbio internacional, de Lídia Moschetti, que aproxima brasileiros e estrangeiros, a Luzitana, a das Nações Unidas, noticiário social e acadêmico, e outras de real valor e interesse.

Participando, embora espiritualmente, do júbilo que pela efeméride de amanhã reinará nos corações das componentes da A. L. F. R. G. S., queremos, na nossa homenagem singela, enviando a essas patricias do extremo sul do país, a essas amigas de ideal que das suas *querências* tão generosamente, tão compreensivamente nos estendem as mãos para acolher-nos nas páginas de «Atenéia», as nossas felicitações e votos para para que ano a ano mais se reproduzam os lucros que vêm colhendo nessa trajetória de sete jornadas vencidas e que o caminho ainda a percorrer seja um contínuo desabrochar de rosas, uma colheita de bons e proveitosos frutos.

Transcrito da
Gazeta do Espírito Santo.

Vocações Literárias

Amor Candente

Especial para «ATENÉIA»

*Minha'alma em febre, ardia e delirava,
sòmente em sonhos vendo o que almejava,
quando um dia chegaste de repente,
pedindo o abrigo de meu seio ardente...*

*Vinhas de longe, morto de cansaço
e recobraste o alento em meu regaço!*

*Contaste tôda a história emocionante
de teu passado que se vai distante...
Reviveste ao calor que em mim sentiste
e deixaste de ser o bardo triste!*

*Mas, no entanto, de mim tu te separas
e eu só te vejo em horas muito raras...*

*Sê grato ao menos, meu dileto amigo,
não vás embora, fica aqui comigo,
para vivermos dias mais risonhos
num céu azul de gozos e de sonhos...*

*Não deixes êste amor arder em vão,
que me transforma em brasa o coração!*

Recife — Pernambuco — MAITA DE MENDONÇA

.....

A NOITE LEVA O MEU AMOR...

(Especial para Atenéia)

A noite...

A noite leva o meu amor para tão longe...

A noite leva o meu amor para longe, mais e mais...

e eu mal posso divisar entre as sombras

a silhueta do meu amor que a noite leva para longe...

Êle desaparece na orla escura do horizonte

e o seu vulto confunde-se na distância.

Onde irá o meu amor para tão longe?...

— Como tudo está sombrio, como tudo está sombrio...

Uma grande tristeza me invade.

Meu Deus, não posso suportar tanta amargura!...

O cansaço invade-me.

A noite pesa sôbre os meus olhos.

Senhor, faz que êle volte, que êle volte...

E em seu regresso, prometo,

hei de dar-lhe tanta alegria, tanta,

que êle nunca mais há de ir para tão longe

em busca da noite, em busca da noite...

Página Lusitana

O PRESTÍGIO DE SALZBURGO

ARMINDA GONÇALVES

Entardecia quando, com justificado alvoroço, cheguei a Salzburgo ida de Munique. Encontraria na famosa cidade onde nasceu Mozart, a musical harmonia cujo pressentimento me emocionava? Esta pergunta fazia-a a mim própria.

Entretanto, (que pena eu sentia!) a atmosfera pesada e cinzenta preludiava chuva; mas pairava no ar a promessa de encantamento que, no dia seguinte de manhã, se tornaria realidade. Num amplo círculo, os picos majestosos dos Alpes fechavam o horizonte e uma vegetação luxuriante estendia-se a meus olhos. Junho ia já nos últimos dias, mas ainda fazia frio nessa manhã brumosa em que sai do hotel para descobrir Salzburgo. Fundada por S. Ruperto, vetusta e acolhedora, por ela passaram, substituindo-se, a civilização romana e a cristianização do Oriente com o império de Carlos Magno; a idade-média e o despertar da burguesia; a época célebre de Paracelso e os dias sinistros em que um tirano louco anexou o seu próprio país à grande Alemanha; e, finalmente, a guerra e as suas terríveis consequências.

De quantos títulos de glória se orgulha Salzburgo! A todos, porém, ela prefere a glória imperecível de ter sido o berço de Mozart.

A velha Fortaleza de Hohensalzburg, que data de 1077, ergue-se sobranceira à cidade, dominando-a nas linhas elegantes das suas muralhas e das suas torres. A seus pés multiplicam-se os palácios magníficos; os conventos as igrejas suntuosas, como a da Trindade, de estilo barroco; abadias onde nos envolve uma doce penumbra, como a Abadia de São Pedro; claustros meditativos como o da Igreja de São Francisco; de estilo gótico e românico, construída em 1223; e muitas outras que são obras primas do Gótico, da Renascença e do Barroco.

Um intenso movimento anima as ruas e as praças da cidade. Atravessa-a, numa curva apertada, o rio Salzach, que lhe dá o nome e a divide em duas partes ligadas por várias pontes.

O belo Palácio de Mirabell é hoje uma atração para os turistas e está situado no meio de lindos jardins. Foi outrora residência dos príncipes da Igreja que, durante mais de dez séculos, tiveram a residência em Salzburgo, sede do arcebispo metropolitano, e muito contribuíram para a difusão das belas-artes, protegendo os artistas e criando uma beleza harmoniosa de que descende o seu atual prestígio.

Pertencentes ao Palácio, são curiosos o jardim dos labirintos e o jardim dos gnomos (estátuas de personalidades caricaturadas — cada uma delas representando o animal a que pretendiam assemelhá-lo). Ficam-lhe em redor a Casinha da Flauta Mágica, o “Mozarteum”, o Teatro Provincial e o Teatro ao Ar Livre.

Transposta a Ponte Mozart, depara-se-nos, em “Mozartplatz”, a estátua do músico genial. Um pouco mais longe, entre a Praça da Universidade e a “Getreidegasse”, fica a sua casa natal. A vida amargurada do homem que não poderá ser esquecido pela posteridade enquanto a sua música alada e argentina fôr escutada pelas multidões atentas e cujo segundo centenário do nascimento este ano se comemora em todos os países, evoca neste momento. Lembro que Salzburgo conserva como o seu mais precioso tesouro a casa que o viu nascer e onde menino ainda

o seu gênio prodigioso floresceu, mas não conseguiu identificar os seus restos mortais lançados à vala comum no cemitério de S. Marx, em Viena.

Por toda a parte se sente a presença invisível de Mozart — semelhante a um fluido que nos acompanha e nos subjuga — um sortilégio.

Ouvi em "Marmorsaal" (Palácio de Mirabell) um concerto maravilhoso e nunca a divina música do divino artista me havia emocionado numa tão completa evasão da realidade, numa tal absorção pela arte, como naquela sala quase íntima, onde parecia sentir-se errar ainda a sua figura imortal.

Todos os anos, pelo Outono, se realizam em Salzburgo grandes festivais de música e a eles acorrem pessoas de todas as partes do mundo.

Os seus arredores deslumbram-nos.

Os jogos de água do Parque de Hellbrunn são admiráveis. Tem muito interesse o Palácio, que também foi residência principesca.

Em Hallein existem minas de sal gema que são exploradas há longos anos. Um teleférico conduz-nos ao cimo da montanha e é necessário descê-la em parte até à entrada nas minas.

Tomei parte em duas excursões. Na primeira, passando por Zell am See, segui pela "Hochalpenstrasse" (estrada dos Alpes), construída segundo as últimas experiências técnicas, umas vezes entre os tons verdes das florestas, outras entre a alvura majestosa da neve. Depois de passar o tunel "Hochtor" (312 metros de comprimento a 2328 metros de altitude) contemplei com o assombro que sentimos diante das maravilhas da natureza, a mais alta montanha da Austria o "Grossglockner" com 3798 metros de altitude. Almocei no Hotel Francisco José, de cujos terraços (a 2451 metros) se avista o panorama surpreendente do Glaciar do "Pasterze" com 2 quilômetros de largura por 10 de comprimento.

Na segunda, sob uma chuva morrinhenta e enfadonha, que muito prejudicou a beleza da paisagem, percorri a região do "Salzkammergut", com os seus cinco lagos, as suas margens pitorescas matizadas de castelos e cidades e vilas encantadoras.

Em S. Wolfgang existe uma pequena estátua de Mozart e, na casa onde nasceu sua mãe e sua irmã, há um baixo relevo e uma lápide. Estive na Estalagem do Cavalo Branco, que uma opereta tornou famosa. Em Hallstatt, cidade pré-histórica das minas de sal gema, com as suas casas alcandoradas na montanha, debrucei-me sobre o lago de sonho, onde a cidade se reflete. Subi de teleférico, numa ascensão quase a pique, para visitar em "Dachstein" as suas cavernas de gelo duma estupefata beleza, que nos fazem lembrar naves de igrejas, claustros góticos dum rendilhado assombroso, cúpulas de edifícios fantásticos, tudo iluminado por luzes sabiamente dispostas.

No regresso passei por "Bad Ischl", que foi outrora residência do imperador Francisco José I e onde existe a casa de Franz Lehar, que ali viveu.

E, num cruzamento de estradas, ao ler numa tabuleta que apenas uns poucos quilômetros me distanciavam de "Berchtesgaden", e pensando mais uma vez em Hitler e em todos os loucos desmedidamente ambiciosos que incendeiam o mundo para satisfação da sua sede de domínio, pensei também que a beleza do espírito e toda a beleza do Universo nos fazem esquecer as amargas realidades e as amargas reflexões que elas nos sugerem.

Projetos, Concreto armado e Fiscalização de obras

HÉLIO NUNES WAGNER

ARQUITETO — CREA 8448

Rua Dr. Oscar Bitencourt, 601 — Fone 3-1686 - Pôrto Alegre

GUIA PROFISSIONAL

Dra. AURORA NUNES WAGNER

Cirurgiã-Dentista

Livre Docente de Ortodontia e
Odontopediatria
RAIOS X

Edifício SULACAP, 5.º and. - sala 518
Telefones: 8115 e 3-1686

DR. RUI FAGUNDES LOUREIRO

CIRURGIÃO-DENTISTA

Raio X - Infra-Vermelho
Ultra-Violeta - Carboterm
Res.: Demétrio Ribeiro, 1074
Telefone: 5339
Cons.: Edifício Sulacap, 5.º andar
Sala 525
PÓRTO ALEGRE

DR. IVAN SOUZA MORAES

CIRURGIÃO-DENTISTA

Edifício Sulacap, 6.º andar, Sala 615
Avenida Borges de Medeiros, 410
PÓRTO ALEGRE

Dra. ANNA MARIA SPARVOLI

Cirurgia-Geral
Obstetrícia e Ginecologia

Consultório: Edif. ITAPIRA
4.º andar - Andradas, 1629
Residência: Fernando Gomes, 62
Fone: 2-1936 — Pôrto Alegre

DR. FARIAS GUIMARÃES

Cirurgião-Dentista

RUA MARECHAL FLORIANO, 91
Edifício Bragança, 4.º and. - Sala 402
Fone: 6601

DR. ERNESTO PUTZ

CIRURGIÃO-DENTISTA

Raios X — Diatermia Ultra-Violeta

CONSULTÓRIO:
Edif. "Oswaldo Cruz"
8.º andar — Sala 81
HORA MARCADA

DRA. NYLZA APPEL MAURER

Cirurgiã Dentista — Raio X

Edifício Sulacap — 10.º andar
Sala 1014
Av. Borges de Medeiros, 410

DR. L O F O R T E

Aparelho digestivo

Consultório: Independência, 814
Telefone: 5440
Resid.: Rua Cônego Viana, 78, Petrópolis
FONE: 5586

DR. CARLOS P. DE BRUM

DENTISTA

Consultório:
AV. BENTO GONÇALVES, 2329
FONE: 3-1167

DR. BRAGA PINHEIRO

Cirurgia — Partos — Ginecologia
CONSULTÓRIO:

Galeria Chaves, 4.º andar — Sala 5,
das 13 às 16 horas — Fone: 7531
Residência: Sarmiento Leite, 975
Fone: 8824

DR. JOSÉ JULIO R. DE MELLO

A D V O G A D O

ESCRITÓRIO: Av. Oswaldo Aranha, 815
VERANÓPOLIS

DR. PAULO JACOMETTI

CLÍNICA ODONTOLÓGICA

CONSULTÓRIO:
Edifício SULACAP - 10.º andar
Sala 1015 - Fone 6206

TIRADENTES...

CORINA FRÓES

*No Reino de Judá ergueu-se a Cruz.
A força levantou-se em nossa terra.
Oh! quanta dor e quanta mágua encerra
Do inconfidente a morte ou de Jesus.*

*Ambos, seguindo a estrêla que conduz
A êsse mundo ideal, acerba guerra
Encontraram, traição negra que aterra,
Traição que busca a treva e foge à luz.*

*Cristo, da Cruz, no derradeiro alento,
Do céu baixando o seu olhar divino,
Viú a seus pés — Maria e a humanidade.*

*Tiradentes da força, no momento
Supremo: olhar febril, da boca um hino
Deixou fugir — Brasil e liberdade!*



A NOSSA CALMA

Às vèzes eu me irrita e com dificuldade sorrio para o visitante que, tão inocente e entusiasmado, elogia nossa vida calma. É verdade que essas três palavras têm um largo sentido e, de certo ponto de vista, tanta veracidade, que na maioria das vèzes aceito tal expressão alegremente.

Bem, nós não nos queixamos das lotações superlotadas, das filas quando vamos para o serviço, da inquietude barulhenta das grandes cidades.

Contudo, correndo em jipes de plantação em plantação, atendendo chamados em pontos distantes, vigiando o serviço ininterrupto das máquinas, desempenhando os afazeres nos escritórios ou nas escolas, temos, cada um em seu trabalho, os problemas e a impaciência de qualquer outro mortal.

Não vivemos nessa calma beatífica que aparentamos quando, num sábado ou num domingo à tarde, nos sentamos na relva e, sonhadamente, contemplamos as águas do rio. Essa é uma fuga ao trabalho cotidiano, uma fuga consciente e bem calculada, para refazermos forças para a semana seguinte.

Cada novo companheiro que aqui se estabelece, de início, estranha justamente êsse ritmo ativo de trabalho. Da minha parte, confesso uma firme admiração por nossos homens, porque nesta época de funcionalismo a significar trabalho displicente e falta de responsabilidade, eles mantêm a velha fibra, a velha tèmpera e, apesar de tudo, o ânimo inquebrantável.

Se você sorri, meu leitor, eu admito também que haja exceções. Mas a maioria é mesmo fiel às antigas normas que levam à satisfação íntima de produzir um trabalho verdadeiro.

E a prova está aí, em cada canto, compondo o conjunto da cidade-papel — o que também deixa o visitante boquiaberto e nos faz orgulhosos — perdoando-lhes os elogios à nossa calma.

Hél.

Suprema dôr

— Sabes o que é viver como eu vivo, arrastando
Cadeias a cortar de sulcos o meu chão,
Sofrendo sem falar, no silêncio abafando
Angústias que a ninguém se diz? — De certo, não...

— Sabes o que é trazer no coração fechado
A dor que não se pode, em verdade, gritar,
Sentir que se perdeu tudo o que foi sonhado,
E só nos resta, agora, um consôlo — chorar?

— Sabes o que é sentir que perdemos a vida,
Quando a vida lateja e refulgura em nós,
Como os mortos, viver para sempre tolhida
E chorar e sofrer seu desespero, a sós?

— Sabes o que é sentir que se tem asas largas,
Feitas para a amplidão, e rastejar no pó,
Mentir que se é feliz, quando ásperas e amargas
As horas vão correndo, e a estrada é longa e só?

— Sabes o que é trazer dentro da alma a ternura,
O carinho, a ilusão, a ânsia de querer bem,
E apenas receber sofrimento, amargura,
Sem que ninguém nos dê compreensão, ninguém?

— Sabes o que é viver presa à eterna mentira,
Não deixando ninguém nossa dor conhecer,
Os golpes receber, sorrindo a quem nos firá?
— Que isso nunca, jamais, alguém chame VIVER!

Saber que tudo acaba e a morte vai chegando,
Que a vida foi um bem que, afinal, se perdeu,
Ter o inferno no peito, e andar sempre cantando...
— Só que sabe — ai de mim! isso tudo sou eu!

ARACY DANTAS DE GUSMÃO

Aguardam para breve o aparecimento dos seguintes livros:

Antologia de musas, poetas e prosadores brasileiros, de Alzira Freitas Tacques e o romance **"Enfrentando o Vendaval"**, de Cely Dal Pai de Mello.

Pedidos pelo reembolso à C. P. 2288.

IMPRESSÃO DE UMA VIAGEM A CALIFORNIA

LUIZA PACHECO MARTINS

Sócia correspondente da A. L. F., em Lisboa, Portugal.

SÃO FRANCISCO

Falar de São Francisco é simplesmente um prazer, e sendo tão diferente, não sei porquê, fazia lembrar Lisboa, o que igualmente sucedeu à minha filha, que lá reside. Será pelos muitos altos e baixos, por ter o mar espreitando sempre ao fundo das ruas, a reviver "postais" muito nossos conhecidos, será? Bastante ampla e moderna, tem no entanto esta cidade, uma parte antiga de moradias típicas, de estilo espanhol e que nós outros, ao vê-las recordamos logo o nosso "português antigo", visto terem tanta aproximação e semelhança. São quase todas debruçadas para essa encantadora baía; ou não fossem esses primeiros emigrantes de sangue espanhol que as habitaram, tais como nós portugueses, eternamente enamorados do mar! As belezas maravilhosas desse encantador Golden-Park, com toda a sua majestosa vegetação, árvores enormes em altura e largura, plantas grandes e pequenas oriundas de tanto lado distante, com o seu exotismo e beleza peculiar, casas de chá em jardins arrançadas à maneira oriental, com seus pagodes, pontes, etc., dando a nota pitoresca do oriente, que no fundo, é um gosto muito comprovado no povo americano. Todas estas casas, têm gente nativa, quase sempre vestida com seus trajes típicos, quer nestas lojas de chá, restaurantes, ou, em casas próprias, vendendo as mil preciosidades vindas das suas terras, naquela sóbria, mas ostensiva altivez própria das suas raças. Não gosto de ser maldizente, mas não posso deixar de lamentar o facto de haver tanto português na América do Norte, sobretudo na Califórnia, onde em 1500 o censo de natalidade de Luso-Americanos, foi calculado em 16 mil indivíduos, portanto, com bastante mágoa eu vi somente, duas casas de artigos regionais portugueses! Não é só o português, já melhor instalado na vida, que em geral se desinteressa da sua Pátria, como pior ainda, sistematicamente esconde que o é! Eu não podia, às vezes, deixar de dizer que, não valendo nada, haviam todos de saber com quem eu falasse, que havia pelo menos uma portuguesa que se ufanava de o ser! Sem deixar de ser altivos, esses compatriotas, apenas ignoravam feitos e valores dos da sua raça, tanto do passado como do agora, de que se podiam orgulhar, sentindo-se por isso, como que esmagados e confundidos da sua pequenez, perante a grandiosidade deste país! Mas deviam saber, que, para o formidável engrandecimento marítimo que levou a civilização a tantos povos e partes do mundo, tal como na América do Norte, muito contribuiu o sangue português com o esforço e prestígio de Portugal! Nas páginas de "Fernão de Magalhães" de Stefan Zweig, refere-se este grande e malfadado escritor, aos nossos feitos e heroísmo, com tanta admiração por eles, que muito nos orgulha e desvanece! Já há anos, quando vivia nos Estados Unidos, me entusiasmava a explicar que esse John Philip de Sousa, rei, como lá dizem, das lindas marchas militares americanas, John do Passo, escritor de muito bom nome e outros tantos, eram de origem portuguesa. Entretanto, qualquer um cidadão dos outros povos, eleva aos pinaros da lua, a nacionalidade que tem, com a vaidade que lhes é própria, e até natural.

São Francisco, a cidade linda de que tanto gostei, tem passeios belíssimos e com esse céu azul e a luminosidade magnífica do seu Sol, parece que tudo doira e faz cintilar!

Num Domingo em que passeávamos à beira-mar, nesse lindo e vasto areal que tem, recordo-me de ver, uma enorme multidão que a todos atraía. Era um grupo de mais de 100 pessoas, entre adolescentes e gente idosa. Pessoas de todas as castas, agrupadas num "club" que se distinguia por proclamar, e muito bem, os benefícios da comunhão das raças. Na sua maioria judeus alemães, húngaros, tchecos, suíços, austriacos, etc. Vi naquela amálgama de gente, igualmente outros trajes, como napoli-

tanos, holandeses, espanhóis, japoneses e chineses! Fui convidada por uma família japonesa, mãe, 3 filhas grandes, 2 meninos e ainda uma garotinha, a sentar-me também no seu tapete de borracha esponjosa, para me não sentar na areia. A mãe japonesa era linda, bem como as filhas, e todas muito simpáticas e comunicativas, o que muito apreciei. Assim, sentada logo na frente, pude ver bem, que esses homens, mulheres e crianças, formavam várias rodas de mãos dadas, dançando e cantando ao som de uma orquestra, em estrado próprio. Os pares que dançavam, estavam na areia batida, provavelmente já preparada para isso, sem mostras de pudor por serem velhos ou crianças, misturados uns e outros, em polkas, contra-danças, rodas e jogos, todos irmanamente unidos num entusiasmo de alegria, que os nivelava num mesmo transporte de sã e descuidada juventude! Como nem todos falavam a mesma língua, havia mais do que um intérprete, que de vez em quando ia ao estrado explicar por meio de um porta-voz a dança, ou o jogo que iriam executar. E reparei também, que entre as várias dançarinas, havia uma distinta velhinha, que depois soube ter 75 anos (mas que não parecia), alta e esbelta, com os cabelos louros e brancos, amarrados por uma fita lilás, bordada de pérolas, que lhe caía em duas enormes pontas, pelas costas, sobre uma comprida túnica de seda branca, cingida por um cinto igualmente bordado. Tinha largas mangas, que adejavam graciosamente com a agitação dos braços, e os pés, calçados em sandálias. Movia-se em atitudes bonitas e artísticas, que me fizeram perguntar quem era. Tratava-se de uma antiga dançarina grega de nome e classe, e que procurava matar saudades dos seus tempos áureos! Mais além, uma linda e bem feita rapariga dos seus 15 ou 16 anos, igualmente vestida de túnica branca, mostrava já ser, não só a promessa, mas a afirmação de outra maravilhosa obra prima de perfeição humana e artística, como já o tinha sido sua avó, a já citada velhinha! Vi tirolezes que, com os seus gritos, saltos e harmónicas, bailavam, esquecidos que eram idosos e ventrudos, numa plena alegria que lhe fazia aligeirar a idade e as contrariedades da vida, e então, reconhecia, que embora em muitos lados se pudesse fazer o mesmo, era sobretudo na grande América, composta por esse povo cosmopolita, onde poderiam reunir-se, publicamente assim, sem receio de crítica. E, no entanto, também é lá, nessa terra de liberdade, que se degladeiam brancos e negros, em guerras frias, antagónicas, deshumanamente egoístas e incompreensíveis!...

(Continua no próximo número.)

TROVAS

NEUSA CARMEN

*Viajar por esse mundo
Foi sempre o meu ideal,
Mas por culpa do destino
Cá estou... eis o final!*

* * *

*A hora é para mim
Balsamo que me conforta...
E trovando vou sentindo
Que o mal também se suporta!*

(Especial para "ATENÉIA")

Página das Nações Unidas

CONHECE TEU INIMIGO



O dia 7 de abril último foi o Dia Mundial da Saúde e o tema de 1956 foi a luta contra os insetos transmissoras de doenças. Parte da luta consiste em conhecer o inimigo. É o que estão fazendo essas crianças, numa escola da Bengala ocidental. Valendo-se de um modelo gigante do mosquito transmissor da malária, o instrutor explica como se transmite a doença. As campanhas de dedetização, patrocinadas pelo Governo da Índia com auxílio do FISI e da Organização Mundial de Saúde, até agora protegeram mais de 75 milhões de pessoas, contra a doença, nas regiões onde a malária é endêmica.

DIA PAN AMERICANO

SONHO OU REALIDADE...

Grande educandário em construção. Local improvisado para a realização da assembléia colegial. Comemora-se o "Dia Pan-Americano". Meninas se comprimm ao longo das paredes, por falta de lugar. Pouco mais de uma centena se assentam em subseqüentes filas de cadeiras. Há discursos, recitativos e cânticos alusivos à data.

De repente, assoma ao piano o Maestro, exímio musicista e professor do Colégio. Vai executar a Polonaise Militar de Chopin. Abre o piano, levanta-lhe a tampa, e, não satisfeito com a acústica do local, — uma área aberta — tira-lhe também a parte dianteira, acima do teclado. Está desnudo o instrumento. Tem à mostra o seu interior. Bem na frente, martelos alinhados, perfilados de ponta a ponta do instrumento; no fundo, as cordas de aço cruzadas e recruzadas em feixes de escalas. São, aparentemente, iguais os martelos e as cordas, mas começa a execução, e, ó maravilha do som!, acordes, harmonia, melodia, um mundo de vibrações!...

Transporta-se o espectador, em espirito, para o passado, para o gênio que compôs a música, para o tema que o inspirou, e, guiado pela pericia de outro mestre, o quê o interpreta, vive de novo o entusiasmo da sua época, o triunfo do seu espirito.

E a mente se perde em conjecturas... O piano é bem a figura da alma da gente... As cordas mais profundas de nosso ser, comumente ceultas aos olhos profanos, também vibram ao toque dos martelos da experiência de cada dia.

E que de harmonias, de melodias doces, de acordes majestosos não produzirão elas se forem tangidas por mãos de mestre!...

Vibrou o último acorde! Estrugem palmas no ambiente. Volta o espectador à realidade.

Centenas de almas jovens ali congregadas numa festa de confraternização! Além outras tantas; mais além, outras mais, por este Brasil imenso, por esta América grandiosa! Que grande responsabilidade e que oportunidade ímpar têm os educadores hodiernos de conduzirem esta geração no verdadeiro espirito de unidade e da fraternidade universal, a que o grande Mestre rogou ao Pai em sua prece sacerdotal: "Pai, não rogo somente por estes, mas também por aquêles que por sua palavra hão de crer em mim, para que sejam um como Tu, ó Pai, em mim e em Ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste!" Se todos os que estão à frente do movimento educacional da juventude, tiverem realmente a consciência da realidade do Pan-Americanismo, outra será a América de amanhã, coesa, unida pelo sacrossanto elo da fraternidade cristã. E o sentimento de boa vontade e harmonia nas Américas há de tomar vulto; e, então, não mais antagonismos raciais, não mais preconceitos sociais, não mais intolerância religiosa, não mais fascismos políticos, mas uma grande família, em que Deus será obedecido como Pai, que realmente o é, e Jesus Cristo, o irmão mais velho, o exemplo da irmandade.

E quando isso acontecer, o sonho de hoje, será a objetiva realidade de amanhã. Não importará a confusão das cordas e martelos; nas mãos do Grande Mestre e tangidos pela sua infinita sabedoria, os acordes sairão sonoros e o hino eterno da fraternidade humana se fará ouvir nos céus calmos das Américas, e, por sua influência, nos mais remotos recantos da terra.

Fraternidad Universal....

Para Atenéia

— 1 —

*Fraternidad y Paz sean los lemas
que nuestras manos unan amistosas
y rija para siempre noble empeño
de universal alianza, cariñosa.*

— 2 —

*Resuenen por los ambitos del mundo
los himnos de hermandad y de cultura,
y las razas se estrechen, se unifiquen
en abrazo de amor y de ventura.*

— 3 —

*No puede existir paz si no hay cariño
y se siembra la duda y desaliento;
sin respeto del hombre para el hombre
no puede existir paz ni entendimiento.*

— 4 —

*Abrir el corazón para quien sufre
tendiendo nuestras manos fraternales,
es así que florecen los senderos
en las penas y dichas terrenales.*

— 5 —

*Fraternidad y paz sean los lemas
que nuestras manos unan amistosas
y rija para siempre noble empeño
de universal alianza, cariñosa.*

Raquel Español - Argentina

Miembro Correspondiente del Instituto de Cultura
Americana de La Plata.

Miembro de Honor de la Asociación de Escritores
y Artistas Americanos con sede en La Habana -
Cuba.

Condecorada con la Orden del Libertador de Haití.
Miembro de Honra de la A. L. F. de R. G. S.

PUBLICAÇÃO DA UNESCO SÔBRE DIREITOS AUTORIAIS

A UNESCO acaba de publicar um repositório dos textos que regulam os direitos autorais, em todos países do mundo. É uma obra volumosa, única no gênero e se intitula "Copyright Laws and Treaties of the World". Resulta de três anos seguidos de árduos trabalhos realizados pelo Secretariado da UNESCO em colaboração com dois órgãos nacionais — a Repartição de Direitos Autorais dos Estados Unidos e a Junta de Comércio, da Grã-Bretanha.

A preparação desse trabalho, cuja versão inglesa será seguida por outras, em francês e espanhol, tornou-se necessária pela adoção e posterior implantação da Convenção Universal sôbre Direitos Autorais, elaborada sob os auspícios da UNESCO. Cada país signatário se compromete, nos termos da Convenção, a aplicar às obras literárias e artísticas originárias de outros países contratantes o mesmo tratamento dispensado às nacionais. Para ter-se a medida certa dessa proteção, importa conhecer a legislação nacional dos diversos estados que decidiram aplicar a Convenção. Daí a necessidade de uma obra de referência como a que a UNESCO acaba de publicar.

A obra da UNESCO, além de prestar serviços aos beneficiários diretos dos direitos autorais — escritores, artistas plásticos, compositores — serve também aos governos que, além da legislação internacional vigente, sôbre o assunto, poderão recolher informações e estudar as bases gerais para qualquer reforma nacional da legislação autoral.

A seleção dos textos incluídos no repositório vai até 1.º de janeiro de 1956. Entretanto, para que seja permanente a utilidade da obra, está prevista a sua atualização, sob a forma de suplementos de folhas soltas.

(Transcrito do Noticiário das Nações Unidas de Jan. 1957.)

FANTASIAS

Minha amiga

O Carnaval vem aí, e vejo o entusiasmo irrefletido que a simples evocação deste nome reflete em tua pessoa. Teus olhos brilham, travessos, numa ansiedade incontida, antegozando, desde já, a folia em perspectiva.

É toda um alvoroço de expectativa e ação!

Andas de cá para lá, procurando uma sugestão invulgar, uma idéia diferente e esquisita, para formar o que é agora tua preocupação: a Fantasia.

E nem sabes, minha amiga, quantas fantasias vestimos na vida! Destas que não deixamos transparecer, mas que variam apenas, conforme nossas ações e sentimentos.

Quantas fantasias e máscaras há que não meio das serpentinas entrelaçadas, e confetis loucos, ocultam o desengano triste de esperanças mortas... Muitas que mal floriem para logo fenecerem no próprio lugar das danças estonteantes e algazarra febril.

Outras ainda, ávidas de silêncio, de um gesto simples de ternura, de palavras macias e serenas, que tem o dom de lhes falar melhor no seu entendimento.

Mas, impassíveis, riem e gargalham para só dar aos outros a impressão de um contentamento, que o próprio riso através da máscara, é um escárnio... e às vezes, só o gesto denunciador é uma mão que tremeu nervosa, deixando fragmentos de um Rôdo ou Rigoletto, espatifado ao chão ainda intato.

Contudo isto, minha amiga, continua no entusiasmo feliz; e nos dias tão almejados veste a tua fantasia mais original e bonita.

Mas, não te iludas, não, sôbre a miragem enganadora que encobre certas fantasias.

Faride Germano

A VIDA E' UMA VITRINA

GRACIETE SALMON

*A vida é uma vitrina de tecidos,
A gente por instantes,
Fica de olhos perdidos
Na beleza das telas destumbrantes
Depois entra na loja e vai comprar.*

*Calceirinha gentil — a Ilusão —
Vem vender ao balcão;
Não se cansa de mostrar, não se cansa
De exhibir delicados,
Rendilhados,
Leves panos de Sonho e de Esperança.*

*As mãos tocam de leve,
Nas leveza das telas;
Não vá o gesto por mim mais breve
Esgarçar uma delas.*

*Tôdas tão lindas, mas a que fascina
Não está ali na grande confusão,
Das peças espalhadas no balcão;
E a gente diz,
Num ar feliz:
Lero daquela rosea muito fina,
Exposta na vitrina.*

*Logo o Destino vem, da loja é o dono,
E fala sobranceiro com entono:
Marca, padrão e côr — Felicidade —,
E' um artigo de alta qualidade,
O mais caro
De todos os tecidos,
São cortes especiais e estão vendidos.*

*E a gente vai comprar do áspero pano,
Que encontra na Seccão do Desengano.*

De Zurich a Milão

(Diário de viagem)

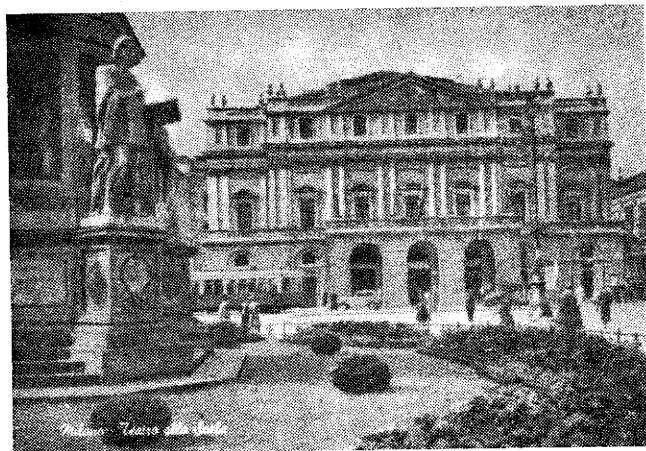
Escreve AURORA NUNES WAGNER

Deixamos Zurich numa linda manhã de agosto de 1955 e seguimos por via férrea a Milão, percorrendo a linha elétrica de São Gotardo. Essa admirável obra de engenharia, talhada na rocha e semeada de túneis, pode-se dizer que é a espinha dorsal da Suíça, ligando-a de norte ao sul. Oferece ao viajante as mais variadas emoções. Se de um lado nos assombra o engenho humano com o conforto da técnica moderna, de outro nos extasiam e comovem as maravilhas da natureza. Estamos no coração dos Alpes. As montanhas cobertas de neves eternas apresentam aspectos bizarros e contornos arquitetônicos. Sentimos sobre as faces o vento típico e fustigante, "o Foehn". Frequentemente avistamos ferrovias funiculares que dão acesso aos altos picos ou encontramos alpinistas equipados em excursões por essas paragens nevadas. Das paredes abruptas das montanhas brotam cascatas e glaciares que se precipitam nos lagos azuis que por vezes se assemelham aos "fjords" da Noruega. Costeamos uma parte do histórico lago dos Quatro Cantões. Franqueamos viadutos e túneis helicoidais. Cidades e vilas surgem aqui e ali numa vida intensa de trabalho produtivo. Florestas e vales férteis, cortam o percurso formando painéis de indizível beleza. Penetramos no túnel de S. Gotardo, um dos maiores da Europa, com 15 quilômetros de comprimento. São doze minutos de sensação estranha nessa passagem pelo fundo da terra. De súbito, como que a toque de magia, emergimos das trevas para a luz irradiante, num cenário diferente. Estamos no sul da Suíça, no cantão do Tessino, zona de clima meridional, cheia de sol, de vegetação e de cultivo. Há grandes plantações de castanheiros e vinhedos. Ao longe se divisam os três castelos da cidade de Bellizona, capital do Tessino. A locomotiva entra em túneis espiralados, atravessando o monte Ceneri para nos deslumbrar com a vista da cidade de Lugano, edificada numa altura de 300 metros acima do nível do mar, recostada sobre o lago do mesmo nome.

Finalmente chegamos a estação internacional do Chiasso na fronteira com a Itália. Sempre para o sul, vamos correndo pela planura lombarda até Milão. Eis-nos nessa cidade imponente e acolhedora. Por



A célebre catedral de Milão, verdadeira jóia arquitetônica.



O Teatro Scala de Milão, onde têm estreiado
as celebridades artísticas mundiais.

primeira vez estamos pisando o solo da Itália. Ouvimos bem perto o sino de uma igreja que bate as horas. Sinos de Milão, como soam bem aos nossos ouvidos, trazendo nos uma mensagem de paz e boas-vindas. Que bênçãos inefáveis o Senhor nos proporcionou de estarmos aqui, do outro lado do hemisfério, gozando os encantos por Ele criados e admirar a Arte que Ele inspirou aos homens. Ave! Terra de Itália, tão sonhada e benfazeja! Nosso primeiro impulso é dar-te um beijo, um longo beijo, misto de amor e veneração pelos teus poetas e artistas! Milão, antigo ducado, guarda zelosamente seus troféus de glória. Várias vezes saqueada, destruída e alvo dos bombardeios, dos quais conserva ainda recentes cicatrizes, tem resistido a todas vicissitudes. Tomada por Bonaparte em 1796 foi capital da república Cisalpina e do reino da Itália até 1814. Suas ruas relembram cercos, insurreições e conservam a triste história de assassinato de Mussolini. Milão se vangloria de ser o centro das artes e das ciências. A escola de pintura milaneza, na Renascença, brilhou com Leonardo da Vinci, sendo depositário do famoso fresco, a "Santa Ceia", desse autor, considerada uma das mais valiosas obras do mundo. Tivemos o privilégio de admirá-la de perto, numa sala anexa da Igreja Santa Maria della Grazie. Apesar das ruínas do tempo que lentamente vai lhe apagando as cores, esse quadro é ainda um primor, digno de ser visto. Para nós, principalmente, esse fato constituiu um dos pontos de mais atração de nossa viagem. O referido fresco ocupa uma parede inteira, em tamanho natural, foi pintado de 1495-97. Defronte está o quadro da crucificação também de Da Vinci, pintado em 1493.

Visitamos a célebre catedral de Milão, toda de mármore branco, estilo gótico com acentos italianos nos labores. É tida como a segunda do mundo, em obra de arte e a quarta em capacidade. Conta com lindíssimos vitrais, os quais foram ciosamente retirados, durante a guerra, a fim de resguardá-los dos bombardeios, e em cuja tarefa gastaram sete meses. Bombas caíram perto, danificando as circunvizinhanças, sem contudo atingi-la. Nessa catedral Napoleão Bonaparte se fez sagrar rei da Itália. A cripta conserva os despojos de São Carlos que repousa num sarcófago de cristal, presente dum rei da Espanha. O crucifixo de ouro lhe foi ofertado pela rainha da Austria. Há na abobada do templo um orifício em forma de estrêla que reflete a luz do sol no centro da nave, no hora do meio-dia e numa das extremidades quando no poente. O tesouro da catedral é riquíssimo. Vimos num altar, Nossa

Senhora com um adereço de brilhantes autênticos, oferta da mãe de Maria Antonieta. Admiramos uma imagem da virgem, numa pintura de agulha, trabalho flamengo, onde cada centímetro requeria quatro horas de serviço. Não podemos deixar de mencionar a decantada estátua, representando S. Bartolomeu, mártir que foi escalpelado vivo. Esculpido no mármore branco deixa a descoberta toda a musculatura, sem epiderme, num perfeito conhecimento de anatomia que assombra pela época em que foi executado. Na base seu autor escreveu: "Não foi Praxiteles mas Marco Agrato que me esculpiu". A catedral possui uma mina de mármore que fornece material de construção e é sua fonte de renda. Nas reparações há sempre o cuidado de respeitar o original. A saída fomos surpreendidos pelas pombas. Era hora da distribuição do milho, pois elas são alimentadas pela municipalidade e pelos turistas. Vinham pressurosas pousar nas nossas mãos, à procura do precioso grão. Os fotógrafos aproveitam a oportunidade para bater instantâneos.

A seguir passamos pelo Teatro Scala, o vetusto templo de arte lírica que tem feito a glória dos compositores e artistas de todo o mundo. Sua entrada estava vedada aos visitantes, por motivo de reparos.

Milão é um centro de indústrias e comércio. Através de portas monumentais tem-se acesso as vias mais importantes, entre elas a Manzoni, onde há grandes armazéns de modas e raridades. De quadra em quadra dessa rua vêem-se relógios dando a hora exata.

Por fim entramos na grande galeria envidraçada, Vittorio Emanuele, ponto de reunião da sociedade milanese, onde regorgitam bares, casas de chá e restaurantes. Dia seguinte continuamos nosso programa de viagem delineado pela Vagon Lit & Cook com destino a Veneza.

MATRIZ EM PORTO ALEGRE

AGÊNCIAS URBANAS:

Auxiliadora, Azenha,
Caminho do Meio, Floresta,
Menino Deus, Partenon,
Passo d'Areia, Petrópolis,
Tristeza e São João.

87 casas próprias

no Interior do

Estado do

Rio Grande do Sul

BANCO DO
RIO GRANDE
DO SUL, S. A.

AGÊNCIAS NO RIO DE JANEIRO -

Centro: Rua da Alfândega n.º 21
Copacabana: Rua Santa Clara n.º 51

PENEDO

(Lenda capixaba)

Doralice de Oliveira Neves

PENEDO é uma pedra gigantesca que se ergue à entrada do pôrto de Vitória, como mudo atalaia, que guarda no seu silêncio o segredo de um passado distante...

Ele viu quando as caravelas de Cristóvão Jaquês macularam as verdes águas da Guanabara-mirim.

Viu o branco invasor roubar as terras dos selvícolas e assistiu em silêncio a luta da disputa.

Impassível e mudo, deixou o audacioso aventureiro desvendar o mistério em que se envolvia a linda Guanabara.

Assistiu os amores da princesa da selva com o branco estrangeiro e testemunhou seus esponsais no templo immaculado da Natureza.

Ouviu o vagido da primeira mestiça que se batizou nas águas dos mares, tendo como padrinho um raio de sol e como madrinha a begônia em flor.

PENEDO, que assistiu ao nascimento do Amor entre duas raças, viu também nascer a Saudade quando o ente amado partiu.

Viu, ainda, nesta terra pura e quase divina, entrar o ódio que separou as duas raças quando a Ambição dominou os brancos invasores!

Quando a Casa da Senhora do Céu foi edificada sobre o Monte pelo sonho de um frade, PENEDO lá estava guardando a formosa baía, e lá ainda está desafiando as tormentas, mas guarda fiel de sua querida Guanabara, outrora tão linda na sua beleza selvagem, hoje Vitória, tão moderna e civilizada.

L E N D A

Um dia, todos os raios do sol já tinham deixado a Terra e eu fui contemplar a grande pedra, procurando desvendar o mistério que me parecia envolvê-la, quando ouvi, com surpresa, junto a mim uma voz fanhosa, quase como um sussurro, que me contou a seguinte história:

PENEDO, disse-me a voz, era um poderoso gigante a quem Tupã entregou a guarda de um reino de gente pura. Puras eram também as águas das formosa baía onde se banhavam os corpos morenos das virgens das selvas.

Um dia, já marcavam os civilizados XVI séculos da vinda do Senhor da Terra, quando Guaraci apareceu no reino de Tupã, para acender a grande lâmpada.

Tôdas as filhas das selvas foram banhar-se nas águas da formosa baía, só Jaciara, a bela princesa, ficara sentada no campo molhado pelo orvalho da noite. Ela era filha do velho cacique e estava destinada a ser esposa de Ubiratã, o guerreiro mais valente da tribo dos Aimorés.

Seus olhos negros e cismadores perdiam-se por detrás das montanhas, onde se estendia o reino de Tupã.

A princesa morena tinha no coração a tristeza — era a saudade de um guerreiro branco, de uma terra estranha, que seus olhos viram em sonho!...

Seu coração já não pertencia ao guerreiro das selvas, e sim ao estranho guerreiro de outras terras, da qual jamais ouvira falar pelos os de sua raça!

Desde então, Jaciara vivia triste — suas mãos não mais colheram as flores para armar as grinaldas que circundam as frentes das noivas, nem seu arco vibrava para arremessar as setas que iam em busca das aves que lhe davam as penas coloridas para tecer a “araçoiá” das espósas...

Nesse dia, quando seus olhos se perdiam na imensidade dos horizontes, a princesa viu nas verdes águas do mar, deslizando como garças, umas estranhas embarcações! Eram as primeiras caravelas portuguesas, que maculavam as águas da formosa baía dos Aimorés!

O Gigante soltou o gritou de alerta que toda a tribo ouviu assustada.

Mas, as mãos que se preparavam para vibrar o arco vingador, impelidas por uma força desconhecida, estenderam acolhedoras para receberem os estranhos hóspedes.

Jaciara viu, então, entre os guerreiros brancos aquele que seus olhos viram em sonho...

Desafiando as leis impiedosas de sua tribo, a ira de seus irmãos de raça e conseguindo enganar a vigília do Gigante, em plena floresta, sob o manto prateado de Jaci, a princesa selvagem trocou com o guerreiro branco o beijo dos esposos.

Voltaram as caravelas à Pátria.

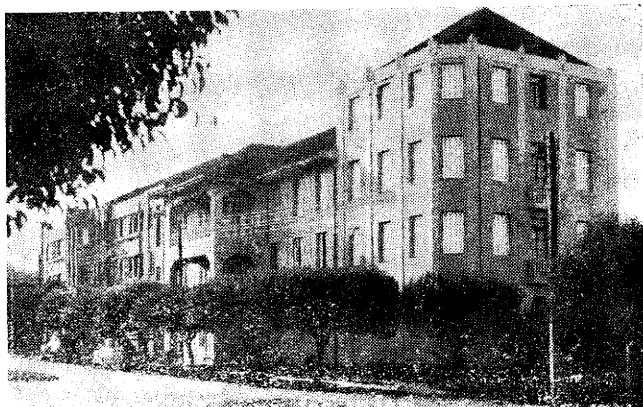
Com a jovem selvagem não ficou somente a saudade do ente amado — nas suas entranhas palpitava uma nova vida... Era a precursora de uma nova raça.

Por castigo de Tupã, disse-me ainda a voz — PENEDO, o Gigante que não soube defender os domínios dos Aimorés e deixou ultrajar a dignidade de seus guerreiros, foi transformado nessa colossal pedra que guarda no seu silêncio o segredo dos amores da princesa da selva com o guerreiro lusitano.

Vitória - Estado do Espírito Santo

HOTEL IRAÍ

Fundado em 1927



J. BELTRAME & FILHOS
DISTINÇÃO — CONFORTO — HIGIENE

End. telegr.: “BELTRAME” — IRAÍ — Rio Gr. do Sul — Brasil

MEU VERSO

NATÉRCIA CUNHA VELOSO

*e estrugem saltam, estertoram, bramem,
Senhor!*

*Eu quero que o meu verso
seja forte e altaneiro
como as ondas que agitam o oceano
pelo universo inteiro,
ora estalando num rugido insano,
ora gemendo em quérulo lamento
conjugadas no som e o movimento
do Cosmos crepitante!
Que êle tenha dos mares
o tom altissonante
que retumba e se espalha pelos ares!*

*Eu quero que o meu verso
seja grave e profundo
como o vórtice infundo dos abismos
de alcantiladas fendas,
que, esparsos pelo mundo,
são tantas rézes testemunhas mudas
de horríveis cataclismas,
catástrofes tremendas.*

*Que o meu verso possua
a chama ardente
do amor que estua
nos olhares febris dos namorados
que se encontram, aos pares, enlaçados,
trocando beijos, reengrando as juras,
nas mais doces e amáveis conjecturas.
E vão assim sonhando com o seu lar,
sem da amargura pressentir os laivos,
— um lar feliz, perfeito,
onde irão, sublimando o alma preceito
do Evangelho — “Crescei, multiplicai-vos”,
a Vida perpetuar.*

*Eu quero que o meu verso seja puro
como o olhar inocente da criança,
como o riso que espelha uma esperança,
e que jamais nenhum sentido impuro
venha empanar sequer a limpidez
das idéias sem jaca ou dubiez.*

*Eu quero que o meu verso seja belo
como a luz que dos astros se irradia,
pois "o Belo é o Bem"
sentenciosamente disse alguém.
Que em suas rimas vibre um ritornelo
de bondade, ternura e de alegria.*

*Eu desejo, entretanto, que a humildade
transpareça na estrofe do meu canto,
em contraste de uma ânsia malcontida
que, num impulso essencialmente humano,
em larga arremetida,
sonha com os louros da imortalidade.
Que êle murmure apenas,
como a fonte escondida num recanto,
as idéias sutis da inspiração,
chorando as mágoas, traduzindo as penas
do coração.*

Senhor!

*se pequei por vaidade ou por excesso
do muito que Te peço
para valorizar o dom da poesia
que me veio de Ti,
dentre os dons que no berço recebi,
— emudece-me a lira,
por que jamais eu fira
os acordes do orgulho e da ousadia.
Faze que eu viva obscura e simplesmente
orando a salmodia da penitente
e, deste modo assim,
se cumpra em mim
a augusta afirmação das Escrituras
que promete o Teu Reino
para as mansas e humildes criaturas.*

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo Prof Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses após o que será conferido diploma ao aluno aprovado em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, Rua Barão de Itapetininga, 275, 9.º andar, conjunto 94, Caixa Postal 8600, Fone 36-7659 — SÃO PAULO.

FLOR DO LODO

Contam que nos pântanos da Alemanha nasce uma flor vermelha de grande beleza, principalmente à alvorada, quando os primeiros albos se refletem nas gotas de orvalho que a noite deixa em suas pétalas. A picada de seu espinho é extremamente dolorosa.

*Nos pântanos a flor que vicejou sôzinha
As pétalas abria.
Em plena formosura a tímida florzinha
À alvorada sorria...*

*Estava ela feliz, de jóias adornada,
(Goticulas de orvalho)
Quando uma voz ouviu, motejadora e irada
Dizer: "Eu te esmigalho".*

*Olhou o menino mau que tanto a maltratava
Sem ter-lhe feito mal
E, transida de medo, aquêle que a ameaçava
Respondeu afinal:*

*"Não me esmagues. Tem pena! Espinho ponteagudo
Ferirá tua mão
E o levarás na vida a recordar-te em tudo
A minha maldição".*

*Não creu o mau rapaz. Quem acreditaria
Em tal superstição?
E esmigalhou sem dó, quem compaixão pedia,
Sem comisseração.*

*Mas quando numa flor de estufa o zêlo todo
A dispensar dispôs-se,
Guardava inda na mente aquela flor do lodo,
Oh! Não fôsse... não fôsse...*

*A lembrança da flor na infância esmigalhada
Seguí-lo na velhice.
Não houvesse existido aquela madrugada
De sua meninice...*



Impressões de Leitura

Escreve

STELLA BRUM

Pinheiros - Contos - José Cruz Medeiros - Edit. Civilização Brasileira S/A.

Foi em Caxias do Sul, em plena adolescência, quando pela primeira vez tivemos a oportunidade de fitar uma floresta de pinheiros.

Ao depararmos o arvoredo pernalta silhuetado contra o céu puríssimo daquela tarde tranqüila, tivemos a impressão de grandeza, de majestade. Os galhos verde-escuro, lá do alto, dentro da quietude da mata pareciam falar numa linguagem estranha e convincente sobre algo que não sabíamos definir mas, que se nos apresentava bom e belo, terno e seducente na grandeza incomparável que Deus envia para assegurar a Sua presença nos mínimos detalhes da vida.

Agora, quando o tempo interpôs a barreira dos anos naquela impressão adolescente, ei-la que surge outra vez, com as mesmas características de bom e de belo, penetrando à nossa alma e descobrindo a grandeza na inspiração humana, ainda e sempre como prova da presença divina na majestade criadora, através das páginas do livro "Pinheiros" da autoria de José Cruz Medeiros.

Segundo cremos, o livro de contos de Cruz Medeiros é um livro de estréia. Mais auspiciosa que as demais estréias, porque é firme, segura, triunfal! Desde a feitura impecável, à linguagem escoreita, à técnica moderna sem descambar para o banalismo, até aos temas recolhidos, arrancados das páginas da vida. Muitos dêlesousados e realistas como a própria vida, rescendendo a tragédia muitas vezes ou descambando para o cômico, o romantismo e até mesmo o inverosímel, como muitas coisas que acontecem a gente e que o bom senso rejeita em acreditar mas, que realmente acontecem, que estão por aí, dentro da vida, no quadro cotidiano que se desenrola ao compasso das horas, tudo isto, fazem do livro "Pinheiros" um sinônimo de grandeza.

Tão claras, tão perfeitas são as narrativas de Cruz Medeiros, principalmente em "Terra Sertaneja", que a gente as acompanha como se o colorido real estivesse diante dos nossos olhos. E sentimos os sortilégios, os anseios e a grandeza da mata, e sentimos a doçura do regresso, a pureza da aurora até a tragédia do menino soterrado e a dramática angústia do pai carregando o pequenino corpo...

Somente esta primeira parte valeria o título: "Pinheiros". Mas surgem outros Contos do Paraná, como diz o autor, todos êles vazados da mesma grandeza inspiradora, da mesma feitura, da mesma claridade diamantina que faz entrever o realismo seja qual fôr a escala onde o mesmo se encontre.

"Pinheiros" surgiu em busca de um laurel. José Cruz Medeiros no próprio título do seu livro possui o laurel de grandeza que há de coroá-lo o nome literário.

O QUE EU VI EM PORTUGAL

(Livro de HORACEL CORDEIRO LOPES)

Horacel Cordeiro Lopes é uma brilhante escritora gaúcha ainda pouco conhecida literariamente no meio culto de Porto Alegre, sua terra natal.

Desde quase menina tem vivido no Rio de Janeiro; aqui estudou, aqui formou-se em professôra, exercendo o magistério público durante muitos anos. Sua grande vocação foi sempre as letras. Cultivou, desde os verdes anos, a poesia e a prosa, sem entretanto dar publicidade aos seus trabalhos. Em seu arquivo encontram-se prontos para o prelo vários livros de prosa e verso.

Visitando Portugal, com seu espôso, o Snr. Eduardo Lopes, distinto cavalheiro, português de nascimento, resolveu Horacel publicar as suas impressões de viagem, enfeixando-as em um lindo livro a que deu o título "O QUE EU VI EM PORTUGAL". É o primeiro livro com que se apresenta no cenário das letras. Sua estréia foi triunfal e seu nome firma-se brilhantemente.

O estilo da escritora sul-riograndense é simples, fluente, expressivo, evocador. Seu sincero entusiasmo pela terra lusitana vibra e espalha-se por tôdas as trezentas e dezessete páginas dêste livro encantador que desperta a vontade de se visitar a terra de Camões. Lendo-o viajamos em pensamento com a ilustre autora e ante os nossos olhos vão se desdobrando, como num filme, as pitorescas regiões da Estremadura, Trás Os Montes, Minho, Douro, os campos cultivados; os vinhedos; os olivais; os pomares, os jardins... galgamos montes; descemos vales; saboreamos deliciosas uvas e figos; ouvimos as guitarras acompanhando os fados dolentes; penetramos nas igrejas suntuosas; admiramos os monumentos históricos; percorremos museus preciosos, palácios imponentes, conventos e mosteiros. Através dêste livro conhecemos detalhadamente Lisboa, que é hoje uma das mais belas e modernas capitais do velho mundo. Pela pena altamente descritiva de Horacel conhecemos o Porto, Braga, Coimbra, Leiria, Viana do Castelo, Sintra, Bragança e muitas outras cidades e aldeias encantadoras.

A nossa admiração pela pátria portuguesa, pátria de nossa pátria, vai num crescendo à medida que lemos *O que eu vi em Portugal*:

Horacel Cordeiro Lopes presta um inestimável serviço a Portugal e Brasil. Este livro nos ensina a viajar lida a terra lusitana sem perder um só dos pontos mais pitorescos, dignos de uma visita. Nada escapou a observação inteligente da escritora gaúcha que inicia com brilho inulgar a sua carreira literária.

Terminando esta ligeira crônica para "Atenéia", aqui deixo à Horacel Cordeiro Lopes, minha conterrânea e amiga desde a infância, o meu abraço e os meus parabens sinceros.

LOLA DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro — Novembro 1956.

J. MELLO & CIA.

REVENDEDORES FORD

MADEIRAS EM GERAL

FABRICA DE CAIXAS

EMPRESA DE TRANSPORTES

VERANÓPOLIS — Caixa Postal, 24 — Fone 47 e 29

LIVROS NOVOS

ESTATÍSTICA JUDICIÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL — Publicação do Departamento Estadual de Estatística - (Conselho Nacional de Estatística - I.B.G.E.) Rio Grande do Sul, sob a direção geral de Adalberto Tostes. Essa publicação abrange os Movimentos: Judiciário, de Propriedade Imobiliária e de Registros Públicos, relativos aos anos de 1953 e 1954. Trata-se de um volume de cerca de 200 páginas, de ótima apresentação e cuidadosamente elaborado. Gratas pela oferta.

SINFONIAS DE AMOR — Cecy Vilas Boas Moura, autora de "Pre-lúdios" e "Harpejos de Fê", lança agora esta nova coletânea de trabalhos seus, impregnados da mais fervorosa religiosidade. O padre Amador da Virgem do Carmo, O.C.D., em extenso e significativo prefácio da obra, finaliza sua apreciação com estas expressivas palavras: "Meus parabens mais sinceros à Autora por sua nova obra e que Deus a abençoe, para o bem das almas." Agradecemos a gentileza da oferta.

POESIAS COMPLETAS DE CLEMENTE RITZ — Edição do Centro de Letras do Paraná, apresentando a obra poética completa do conhecido poeta paranaense, falecido na Lapa em 1935. A primeira página do livro, encontramos uma nota de agradecimentos da Editora à D. Conceição de Castro Araújo, que, com o seu auxílio, possibilitou a edição da obra presente. Também nós, da A.L.F. e de "Ateneia", expressamos aqui nossa admiração à distinta dama pelo seu interesse, compreensão e colaboração preciosa à causa da Poesia Nacional. A obra completa de Clemente Ritz, que era também jornalista e cronista, é ampla e variada, constituindo agradável leitura. Agradecemos ao Centro de Letras do Paraná a remessa do volume em apêço.

A FILA TRISTE — Pequeno romance de Pompília Lopes dos Santos, inspirado, segundo confessa a autora, na fila que aguardava o momento de entrada, para visita, numa Penitenciária do Estado. Pompília Lopes dos Santos, dolorosamente atingida em sua sensibilidade feminina por tal espetáculo, lançou mão da fértil imaginação de escritora e teceu a teia desta humana história, de fácil e comovedora leitura. "A Fila Triste" também é edição do Centro de Letras do Paraná, a quem agradecemos o volume que nos foi enviado.

O ROTEIRO DO DESTINO — Romance de Nena Silva Saraiva de Almeida, em esplêndida edição da Livraria do Globo e apresentado pelo conhecido homem de letras Darcy Azambuja, que tem para a obra palavras de louvor. Trata-se de uma história muito bem urdida e desenvolvida com elegância de estilo, que tem despertado interesse entre os apreciadores desse gênero de literatura. Felicitamos a autora, a quem agradecemos a amabilidade da oferta de um exemplar.

PRANTO E CANTO DE AMOR FILIAL — Coletânea de 23 sonetos do poeta capixaba Augusto Emilio Estelita Lins, inteiramente dedicados ao culto do amor filial. Como seria de imaginar, trata-se de uma pequena obra de devoção e sentimento, que nos comove e ao mesmo tempo repousa o espírito. Agradecemos à Academia Feminina Espírito-Santense de Letras a gentileza da oferta.

ALMAS PENADAS — Precioso volume de poesias do jovem poeta regionalista, membro da Academia Sulriograndense de Letras, Ruy Cardoso Nunes, encerrando um punhado de belas, inspiradas e vibrantes poesias. O autor e sua poesia são nossos antigos conhecidos, e foi com grande satisfação que relemos seus versos, contidos em "Almas Penadas", cuja oferta agradecemos.

CANTIGAS PARA ESQUECER — Trovas Luiz Otávio — Dêsse festejado poeta e trovador recebemos o exemplar supra citado com 100 trovas inspiradas, cheias de sã filosofia. Graças.

— Agradecemos o envio dos seguintes livros, jornais, publicações e revistas:

O Toit, ma chimère, de R. A. Costins Suplemento A Pan — Diffusion Culturelle n.º 11 - Paris.

Initiateurs — Suplemento literário — Paris.

Relatório ao Centro de Letras do Paraná — Leonor Castellano.

Informação — jornal — Oferta de Jorge Rivas.

El Hogar — revista — Oferta de Nélida Oviedo.

Diário de Lisboa — jornal — Oferta de Arminda Gonçalves.

Gazeta do Espirito Santo - jornal - Oferta de Annette de C. Mattos.

Continentes — revista — Rio.

Roteiro — jornal — Bahia.

Manaus Magazine — revista — Amazonas.

Trovador — jornal — Bahia.

Euterpe n.º 27 — revista — Buenos Aires.

El chucaro — revista — Montevideu.

Boletim da Unesco para Bibliotecas.

O Despertar - jornal - Coimbra, Portugal - Oferta de Socio da Costa.

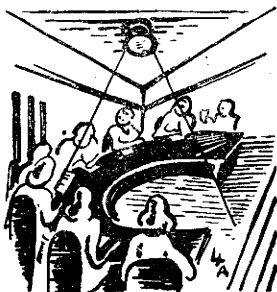
Coxilha — jornal — Santiago do Boqueirão — R.G.S.

Nosso Amiguinho — revista infantil — São Paulo. .

Expoente — Seleções — São Paulo.

La Mañana e El Dia — Suplementos — Rivera — Montevideu — Oferta de Maria Luiza Larena.

Lagoa de Messejana — Carlyle Martins - Ceará. Recebemos o lindo trabalho poético da autoria do ilustre homem de letras Dr. Carlyle Martins, intitulado "Lagoa de Messejana", no qual descreve cenas naturais de sua terra, dentro de um lirismo encantador. Todo o poema é vasado em primorosos alexandrinos, plenos de estro e musicalidade. A Academia Literária Feminina do R. G. S. e Atenéia agradecem a honra da oferta e as gentis dedicatórias a diversos membros do nosso sodalicio. No próximo número será comentado esse magnífico trabalho, na Secção Impressões de Leitura, pela pena de Alzira Freitas Tacques.



NOTICIÁRIO ACADÊMICO

Boas Festas. Recebemos e agradecemos as felicitações recebidas dos seguintes amigos: Natércia C. Veloso, Lirlinha Fernandes, Jenny Maria Gobbi Chiarelli, Arminda Gonçalves, Luiza Pacheco Martins, Camila Furtado Alves, Lidia Mombelli da Fonseca, Maria Beatriz Bastos, Soeiro da Costa, Raquel Español, Consuelo Belloni, Cely Dal Pai de Mello, Diva Machado Kaastrup, Lola Oliveira, Celeste Maria do Amaral Masera, Eula Long, Maria Cabedo Cardoso, Paulina da Silva Mello, Suely Roosler, Graciette Salmon, Hellê Veloso e Nações Unidas.

Formatura — Diplomou-se em escultura, na Escola das Belas Artes da Universidade do Rio Grande do Sul, a poetisa Alice Schultz Loforte Gonçalves, autora do livro de poemas: "Etrêlas Mortas". Parabéns.

Vibrações Radiofônicas — O prof. Arthur Faccina que dirige o programa radiofônico "Sempre mais acima, sempre mais além" na cidade de Jaguarão, comemorou o segundo aniversário desse importante quarto de hora literário. Realizou durante esse período 98 programas ordinários e 6 especiais.

— O programa "Sempre mais acima, sempre mais além" da Rádio Charrúa de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, comemorou o 7.º aniversário de Atenéia com festiva audição, dirigida pelo jornalista e intelectual Sr. Argeu Veiga, que tem sido o grande animador daquele programa, com o concurso de nossa eficiente cooperadora Srta. Idília Aveiro. Graças.

Missa In Memoriam — A A.L.F. se fez representar na missa mandada rezar pela família do saudoso amigo Sr. Antonio Gonçalves, espôso da acadêmica Sra. Berta Loforte Gonçalves, pai do Prof. Manoel Loforte Gonçalves e avô da intelectual Alice Schultz Loforte Gonçalves, no dia 11 de fevereiro último, em homenagem ao 50.º aniversário de casamento do ilustre extinto.

Nascimento — A Acadêmica Eloá Puggina e seu espôso estão de festas com o nascimento da menina Eliara. Parabéns.

Tibagi — Cumprimos nosso confrade o Tibagi, jornal que se publica em Monte Alegre, Paraná, pelo seu oitavo ano de publicidade, sob a direção do Sr. Horácio Klabin. Apresentou número especial com variadíssima matéria, consagrando páginas de literatura feminina, entre elas da Academia Literária Feminina do R. G. S. que muito agradecemos.

Lidia Jersak Martins — A acadêmica Lidia Jersak Martins, que ocupava a vice-presidência da A.L.F., exonerou-se do cargo, em virtude da transferência de seu espôso Revdo. Pedro Martins para a paróquia de Santa Maria, R. G. S. Felicidades no novo campo de trabalho.

Dr. João Kessler Coelho de Sousa — Esteve entre nós o Dr. João Kessler Coelho de Sousa, ex-representante da ONU, no nosso Estado, de

volta dos Estados Unidos da América, onde foi agraciado com bolsa de estudos.

Annette de Castro Mattos — Agradecemos a essa ilustre intelectual espírito-santense a homenagem feita a Atenéia, pelo seu sétimo aniversário de publicidade e publicada na Gazeta do Espírito Santo, bem como seu trabalho de intercâmbio literário.

Pesquisa histórica — Acadêmica Maria Stella de Novaes, insigne escritora capixaba, comunica-nos que após três anos de paciente pesquisa, mediante correspondência com arquivos, bibliotecas e institutos de Portugal, Espanha e da Itália, localizou em Nice dados genealógicos da Sra. Luísa Grimaldi, governadora do Estado do Espírito Santo no Século XVI. Cumprimentos.

Livro de Honra. Inscreveram-se com donativos para a difusão de nosso órgão acadêmico as seguintes intelectuais e colaboradoras: Celeste Maria do Amaral Maser e Ambrosina Abreu. Graças.

Mulher das Américas — A Senhora Irene Silva de Santolalla, do Perú, foi eleita pela União de Mulheres Americanas, "Mulher das Américas", pelo seu devotamento, consagração e eficiência no trabalho da mulher, na esfera social. Desde 1938 tem se batido através da imprensa pela educação da mulher na grande missão de esposa e mãe dos futuros cidadãos. Tem realizado brilhantes campanhas no sentido de orientar as jovens que aspiram se casar, acautelando-as, para não confiarem somente na intuição, cujos resultados são às vèzes desastrosos.

★ ★ ★ ★ ★

O PRÊMIO ANUAL DO DIA DAS AMÉRICAS

O prêmio anual das Américas, em reconhecimento pelo estímulo à amizade inter-americana, foi concedido a James Stahlman, presidente da Sociedade Inter-Americana de Imprensa (SIP). O dr. Galo Plaza, antigo presidente do Equador, fez a apresentação em banquete da Fundação das Américas, no Hotel Baltimore em Nova York. No discurso de aceitação, Stahlman, que é diretor do jornal "Banner" de Nashville, Estado de Tennessee, declarou: — "Enquanto a livre expressão e a imprensa livre puderam constituir a base de outras liberdades, a de escolher é o direito exercido por meio dos votos e pela qual os homens determinaram suas formas de governo e escolhem aqueles que consideram com maiores qualidades para dirigir seus negócios e governar temporariamente sua vida política, social, econômico, cultural e, por vèzes, a vida espiritual e seus destinos. Tal liberdade de escolha não pode ser livremente exercida sem a capacidade mental para julgar entre o bem e o mal dos homens e dos governos. A liberdade de escolher nada vale a menos que possa ajudar o indivíduo a saber se vai ser servidor do Estado ou se o Estado vai ser um servidor do povo. Com muita frequência esperamos demais por coisas demasiadas do Estado."

★ ★ ★ ★ ★

Nova Diretora de Atenéia — Em reunião da A.L.F. realizada a 13 de abril do corrente ano, foi eleita a acadêmica Cely Dal Pai de Mello para ocupar a vaga de Diretora de Atenéia, deixada pelo falecimento da confreira Jenny Seabra de Sousa. A jovem acadêmica pelos altos dotes de inteligência e de caráter está na altura de continuar a senda auri-fulgente de sua ilustre predecessora. Em dias de maio próximo, Cely Dal Pai de Mello será empossado no referido cargo.

★ ★ ★ ★ ★

Do mais simples CARTÃO DE VISITA

ao mais aperfeiçoado TRABALHO LITOGRAFICO

Livraria do Globo S. A.

M A T R I Z :

Andradas, 1616 — Pôrto Alegre

F I L I A I S :

Rio Grande — Pelotas — S. Maria

BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS S/A.

DEPARTAMENTO DE BRASÍLIA

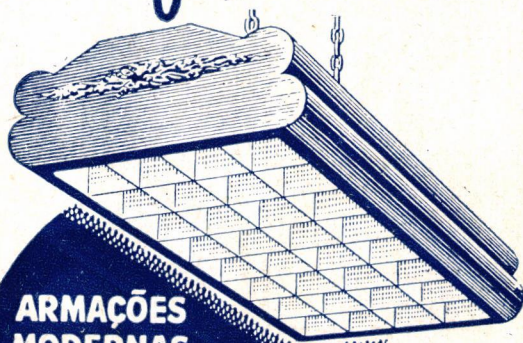
Temos satisfação em colocar à disposição de nossa distinta clientela e do público em geral os serviços de nossa Agência da futura Capital Federal, em funcionamento desde 18 de fevereiro último.

.....

FILIAL DE PÔRTO ALEGRE

RUA URUGUAI, 317/329 — FONES 5945 e 7246

Luz fluorescente



ARMAÇÕES
MODERNAS

COM **FAVOS**

CÔRES :

verde-oliva, cinza, ouro e branco

2, 3 e 4 lampadas,
de 20, 30 ou 40 w.



Para:
SALÕES
LOJAS
HOSPITAIS
FÁBRICAS
ESCRITÓRIOS
REPARTIÇÕES
HOTÉIS • ETC.

Material e apetrechos
para iluminação



BROMBERG
COMERCIAL S.A.

PELOTAS

PORTO ALEGRE

RIO GRANDE